



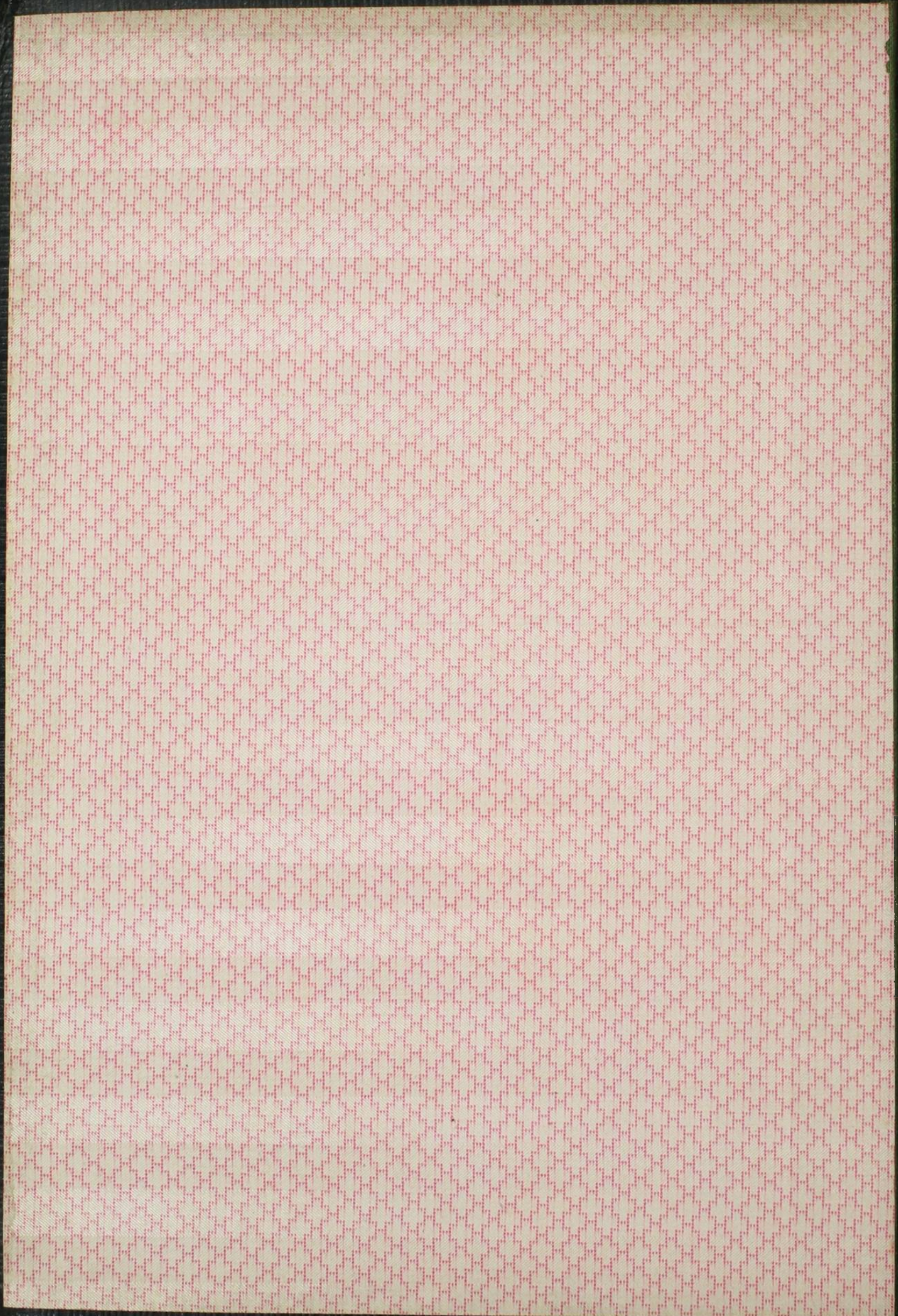
A MARMIITA

TRADUZIDA

PELO

*Barão de Paranapiacaba*

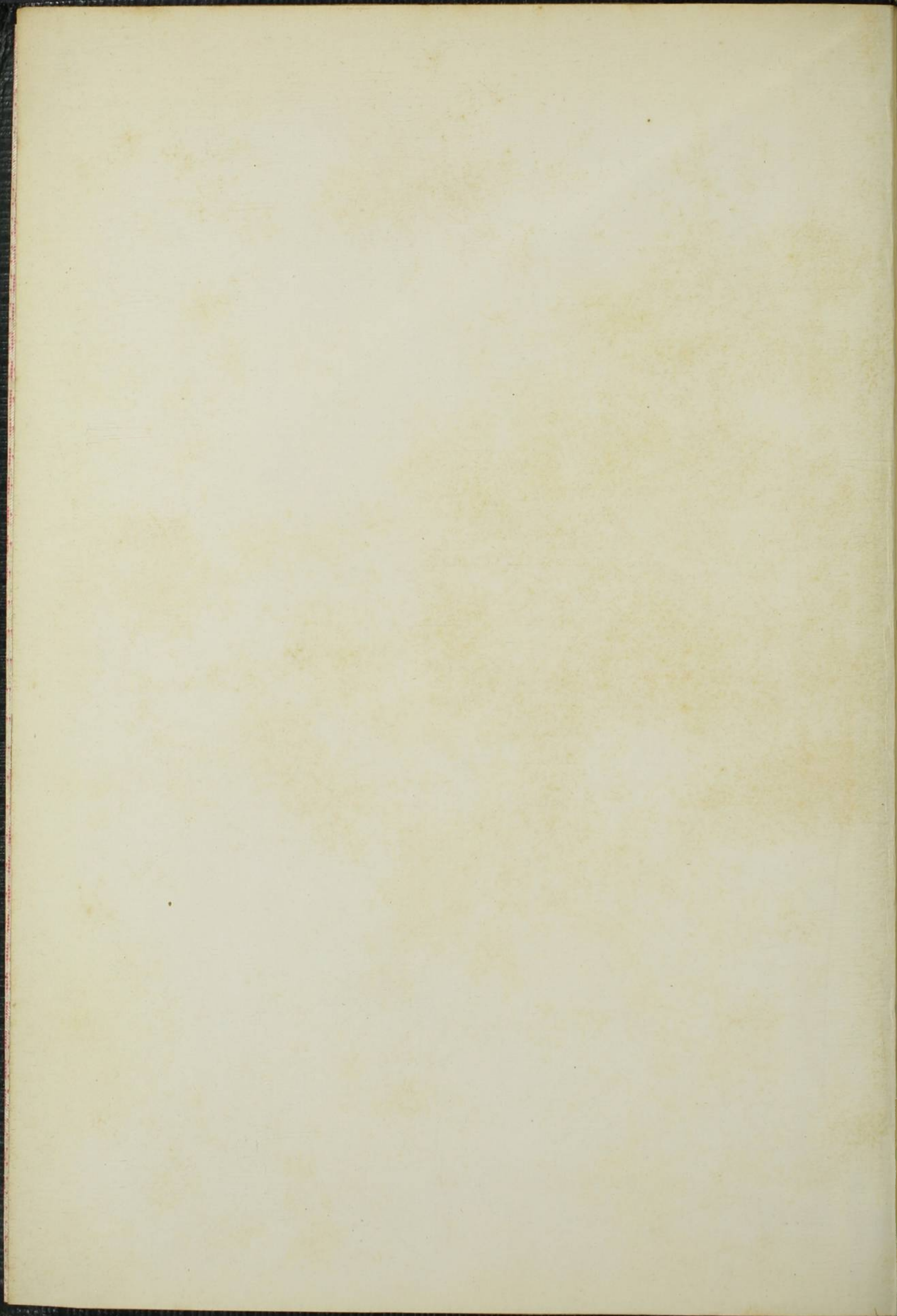








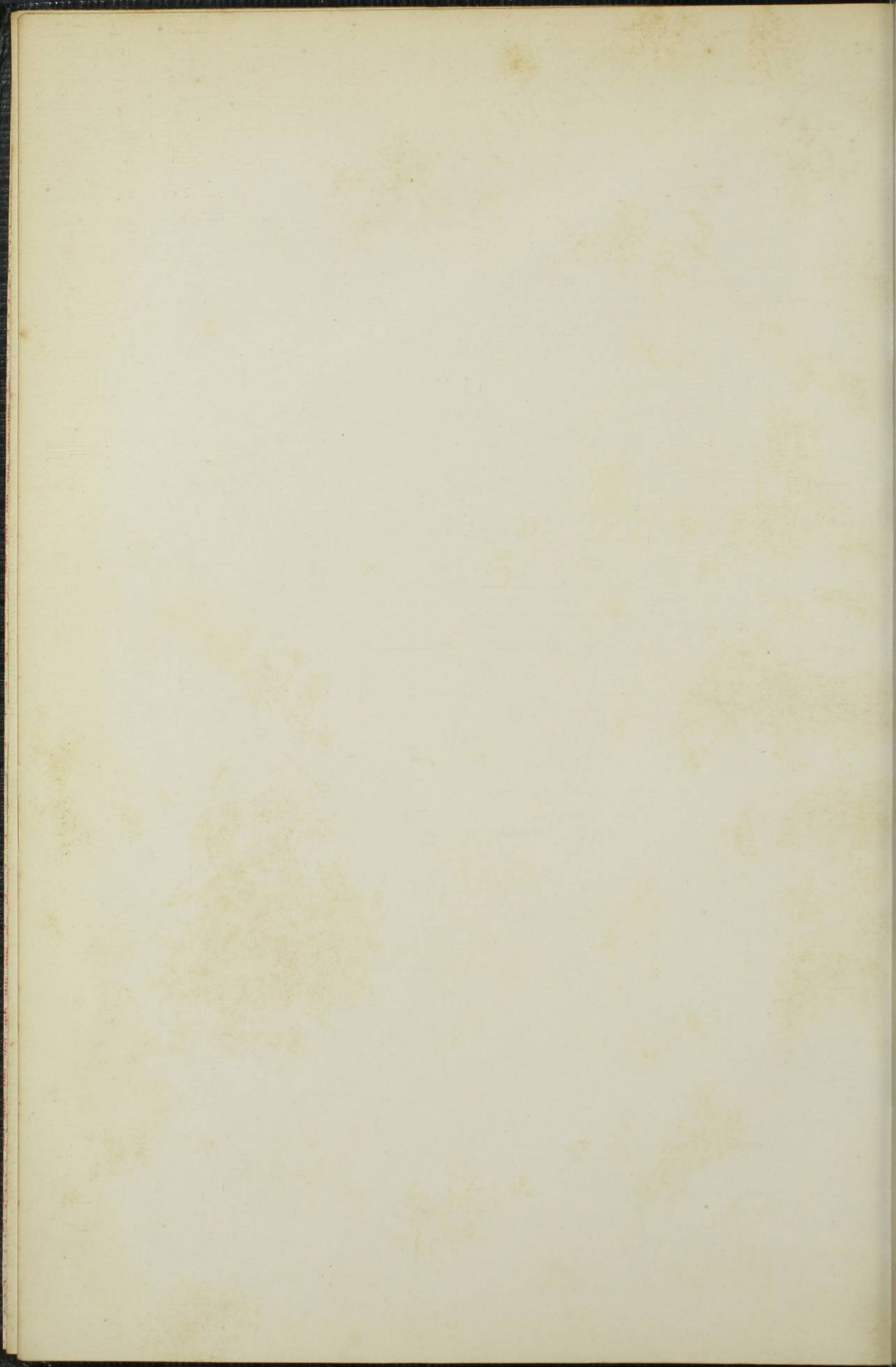














A MARMITA







BARÃO DE PARANAPIAGABA

---

# A MARMITA

(AULULARIA)

COMEDIA EM 5 ACTOS

DE

*Marco Accio Plauto*

TRADUZIDA EM VERSOS PORTUGUEZES



RIO DE JANEIRO

Typographia CHRYSALIDA — Rua da Constituição n. 41

1888







*Exm. Sr. Conselho de Estado Visconde de Ouro Preto*

No excellente tratado — *O Penhor*, V. Ex., referindo-se ao penhor agrícola sem deslocação, teve a bondade de qualificar lisonjeiramente o livro, em que procurei naturalisar no Brazil essa instituição, posteriormente inserida por mim no projecto de lei de 1875, e, nelle conservado pelo Poder Legislativo no Acto de 6 de Novembro desse anno.

Quando outros titulos não houvesse adquirido V. Ex. á minha gratidão, bastaria, para conquistal-a, essa honrosissima referencia, que é para mim motivo de ufania e estimulo para redobrar de esforços no serviço da Patria.

Que láurea mais meritoria para o obscuro escriptor do que as palavras animadoras do mestre, costumado, desde a primeira mocidade, a triumphar em todas as lutas da mentalidade, e a quem, ainda em meio do estadio da vida, já não restavam louros que colher, quer na imprensa, quer na sciencia do Direito, quer nas lutas do parlamento, quer na administração ?

Não possuo moeda para pagar os juros siquer de tamanha divida de gratidão, e muito menos quando o credor é um Créso de generosidade, que espalha á flux os inapreciaveis thesoiros della, sem levar nisso outra mira sinão a de projectar sobre os que d'elle se approximam as irradiações de seu privilegiado espirito.



Ninguem póde, porém, refrear o impulso do reconhecimento, cuja manifestação não offende a quem delle é alvo.

Dou testemunho do meu, collocando sob o amparo do nome illustre e consagrado de V. Ex., esta minha versão da *Aulularia*, de PLAUTO. E', creio, o primeiro ensaio, que do Theatro Latino se faz em verso portuguez. Escasso é o seu merito litterario; mas representa paciente esforço para trasladar em vernaculo os modelos da arte antiga, fonte, em que se vai retemperar o gosto e restaurar a pureza da lingua.

V. Ex., cuja elegancia e elevação de estylo prova serios estudos classicos, constituindo-o Juiz Competente, relevará os erros e defeitos, que nesse trabalho encontrará e a minha ousadia em offerecer-lhe tão pêco fructo de tosco e humilde engenho.

Rio, 12 de Agosto de 1889.

DE V. EX.

Grato amigo, sincero admirador e reverente servo.

*Barão de Paranapiacaba.*



## PERSONAGENS

*O Deus Lar* (Prologo).

*Euclião* (velho avarento).

*Stáphila* (velha escrava de Euclião).

*Eunomia* (irmã de Megadôro e mãe de Lyconide).

*Megadôro* (velho opulento e liberal).

*Liconyde* (sobrinho de Megadôro e filho de Eunomia).

*Phedra* (filha de Euclião).

*Strobilo* (escravo de Megadôro).

*Strobilo* (escravo de Lyconide).

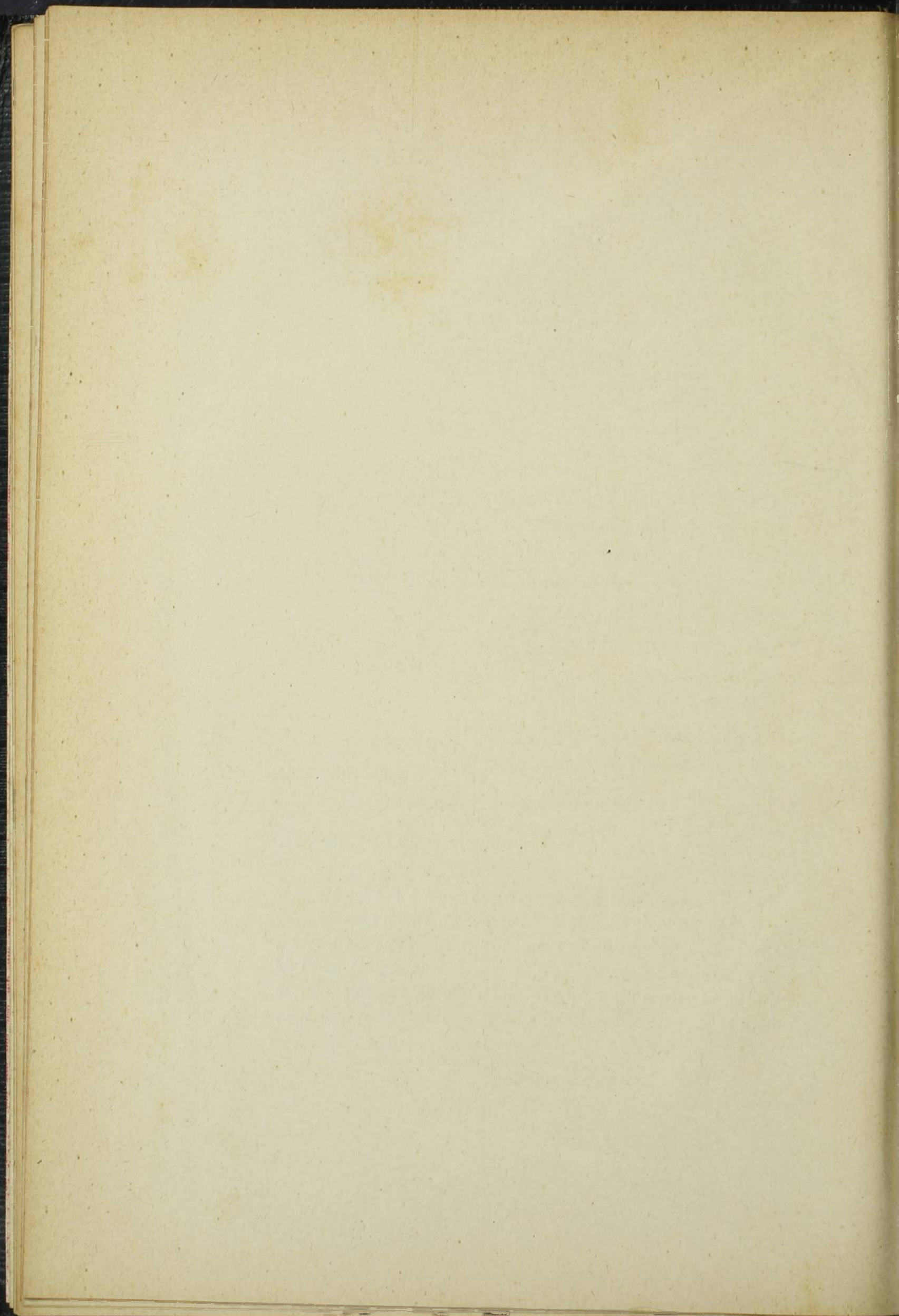
*Anthrax* {  
*Congrião* { cosinheiros).

*Pythodico* (intendente dos escravos de Megadôro).

Passa-se em Athenas a scena.—O prologo e o 1º acto, na rua, defronte da porta de Euclião.—A 1ª scena do 2º, em casa da irmã de Megadôro, vizinha de Euclião. As outras, na rua em frente á casa de Euclião e Megadôro.—O 3º acto, na rua.—A 1ª scena do 4º, acto, na rua, a 2ª, 3ª, 4ª e 5ª no templo da Boa-Fé; a 6ª, na rua; a 7ª em casa de Eunomia; a 8ª, 9ª e 10ª na rua.—O 5º acto, na rua.









## PREFACIO

A *Aulularia* ou *Marmita* devia merecer a attenção da critica, ainda quando não tivesse outro merito sinão o de haver inspirado o *Avarento*, de Molière. Reveste, porém, grande valor. E' uma comedia de costumes, cujo principal character vem delineiado com alta verdade e muita arte. Todos os personagens, todos os incidentes della concorrem para pôr em relevo o vicio e aggravar os tormentos do avaro Euclião.

Nada mais gracioso e animado que a figura deste rico, sempre a chorar miserias, desgraçado ao dar, inquieto ao receber. Logo á estreia, annuncia-se gorosamente o assumpto e é pintado ao vivo o protagonista:

Rua! Já disse que saias;  
Põe-te fóra! Sais, ou não,  
Infame espia de saias,  
Com teus olhos de furão?

Copiou Molière esta entrada tão natural e dramatica.

E' simplicissimo o plano da peça.



Descobriria Euclião um thesouro (marmita cheia de ouro), que desveladamente esconde. Um de seus visinhos, velho rico, mas liberal, pede-lhe a filha em casamento. Suppõe Euclião que esse velho aventára o segredo do achado e é naquelle pedido levado pela cobiça. Concede, no emtanto, a mão da filha, *mas sem dote*. Megadôro (o noivo), encarregando-se das despezas do brodio nupcial, manda á casa do avaro alguns cosinheiros, que são logo suspeitados de ladrões pelo futuro sogro do velho liberal. Euclião tira de casa o thesouro e vai escondel-o no templo da Boa Fé. Um escravo de Lyconide, que violara nas *Cereaes* (festas em honra de Ceres) a filha de Euclião, rouba a este a marmita e a leva a seu senhor. Sabendo Megadôro da violencia, feita pelo sobrinho á moça, com quem pretendia casar, cede-a para o mesmo fim ao sobrinho, que repara a sua falta. E' o thesouro restituído ao avarento.

Concentrou Plauto num quadro todos os pormenores dos costumes da quadra. Ha principalmente no terceiro acto uma excellente fala epigrammatica, em relação ao luxo feminino. Escrevia o autor no tempo, em que promulgara Catão a Lei Oppia, condemnando os vestidos bordados, as joias e as carruagens. Imitou Molière as scenas principaes e todas as grandes feições caracteristicas de Plauto, compondo o *Avarento*, uma das mais notaveis producções do humano engenho. Marmontel, Lemercier e Duval escreveram admiraveis observações a respeito do modelo e da maravilhosa imitação de



Molière. Fez Cailhava magnifico parallelo das duas obras, reconhecendo, como outros escriptores, a immensa superioridade de Molière, sem deixar de fazer justiça a Plauto.

La Harpe, desdenhando do escriptor latino, escreveu com tanta leveza, que lhe attribue parte do quinto acto, escripto por um grammatico de Bolonha, de cujo trabalho se aproveitara Molière, adoptando-lhe o expressivo nome — Harpagão.

Schlegel, que não pôde ser acoimado de irreflectido, exalta, em prejuizo de Molière, a producção de Plauto. Qualifica elle o *Avarento* « farça complicada, tediosa, inverosimil », pretendendo que o amor é incompativel com a avareza. De sua critica só nos parece fundado o seguinte ponto: Em Molière, o avaro, depois de haver escondido o thesouro, não torna a falar delle, facto que causa admiração ao espectador. Em Plauto, o thesouro está presente ao espirito do avaro, e as precauções, tomadas para preserval-o, são exactamente a causa do roubo delle. Neste lance de genio e de profunda moralidade excede Plauto a seu imitador.

A *Aulularia* é das peças de Plauto a que se conservou por mais tempo no repertorio da idade média. Della fez uma especie de parodia o autor do *Querolus* (Chorão). Vital de Blois, poeta latino do seculo XII, poz em versos latinos esta imitação curiosa, especie de melodrama de estylo obscuro e, muitas vezes, barbaro.

Nos theatros estrangeiros ha numerosas imitações da *Aulularia* :— A *Sporta*, do Florentino Gelli, attri-



buida a Machiavel, o *Avaro* (The Miser), de Fielding, que ensaiou aperfeiçoar o desenlace de Molière, o *Goldingham*, de Shadwell, em cujo prefacio declara o autor que faz muita honra a Molière copiando-o, não por esterilidade, mas por preguiça, e que não conhece uma só comedia franceza, que não se haja tornado melhor em mãos do peor poeta inglez.

Ha tambem o *Avaro ciumento*, o *Avaro faustoso*, de Goldoni, o *Honrado aventureiro*, de Octavio, etc. No theatro chinez representou-se tambem um *Avaro*, especie de burleta, entremeiada de cóplas, que termina por este trecho, digno de Molière :

« Meu filho ; avisinha-se a minha hora extrema ; quando eu morrer, não te esqueças cobrar do vendedor de favas o meio tostão, que elle me deve. »

A reproducção e o bom exito desse *character* no theatro são naturaes. A avareza é vicio de todos os tempos e de todos os povos, e um daquelles, cuja pintura deve impressionar todos os olhos e espiritos. Quando Londres abriu um grande theatro aos primores dramaticos de Molière, a comedia, que mais effeito produziu e mais angariou a publica admiração, foi, não o *Tartufo* ou o *Mysanthropo*, representados por Mlle. Mars, e sim o *Avarento*.

(Extracto do juizo sobre o *Avaro*, escripto no *Theatro completo dos Latinos*, de Mr. Nisard).

---



ARGUMENTO

Euclião, velho avaro, que em si proprio  
Confiança bem pouca deposita,  
Cavando em certo dia o chão de casa,  
Cheia de ouro encontrou grande marmitta.

Abrindo, ás pressas, mais profunda cova,  
De novo a soterrou, e dentro em pouco,  
Velando-a de continuo, angustias curte,  
Que o poem em sobresalto e quasi louco.

Lyconide roubara a castidade  
D'uma donzella, filha do avarento;  
Megadôro, que a irmã quer ver casado,  
Pede a amante do moço em casamento.

Consente a custo o suspeitoso velho;  
Teme pelo thesouro; e a fim que illuda  
Os suppostos ladrões — por duas vezes,  
Do caseiro escondrijo o sitio muda.

Descobre o arcano um servo do mancebo,  
Que da moça offendera o casto pejo;  
Pede este ao tio que lhe ceda a noiva  
E Megadôro accede ao seu desejo.

Torna Euclião a achar o seu thesouro  
Pela mão do mancebo; e jubiloso  
Desse achado feliz, deixa que a filha  
A Lyconide tome por esposo.



ARGUMENTO ACROSTICO

(ATTRIBUIDO A PRESCIANO, O GRAMMATICO)

Vcha Euclião marmita cheia de ouro;  
Mas, guardando-a, consome-me em tortura.  
V filha de Euclião, por vil surpresa,  
Rouba o joven Lyconide a candura.  
Megadôro sem dote aceita a Phedra.  
Inquieto Euclião, vendo a marmita  
Trazida por Lyconide — lhe entrega  
V filha, o ouro e a neta pequenita.

PROLOGO

**O DEUS LAR**

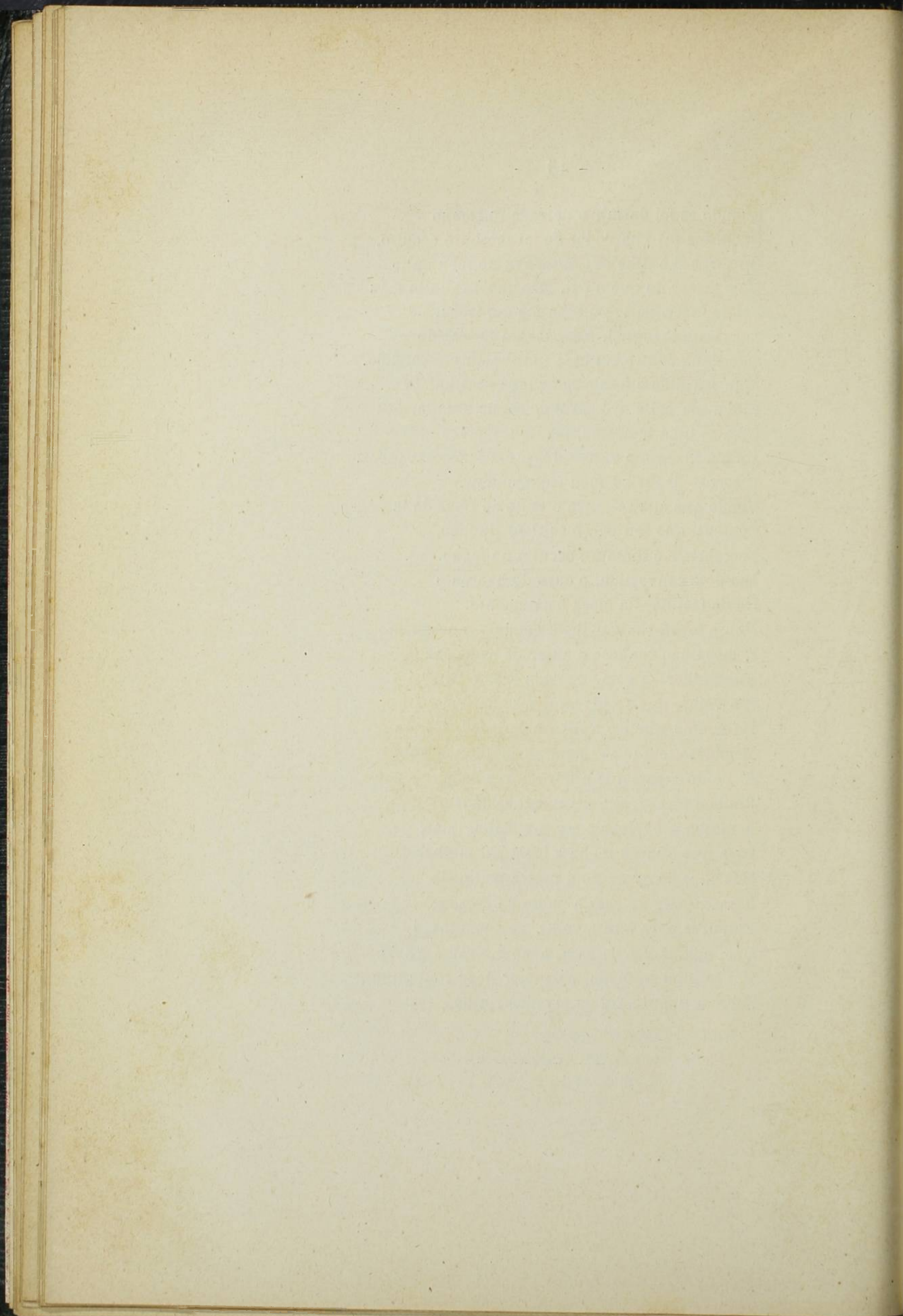
Para que não se estranhe o achar-me aqui presente,  
Eu vou dizer quem sou succinta e brevemente.  
Da casa, cujo umbral acabo de transpor,  
Eu sou o Deus do lar, o Nume guardador.  
Muitos annos já faz que em toda esta familia  
Exerço protectora e perennial vigilia;  
Sou Deus familiar de quem hoje alli mora,  
Como fui de seu pai e avô paterno outr'ora.  
O avô me confiou a guarda de um thesouro,  
Que ninguem descobriu — marmita cheia de ouro.  
Numa cova a enterrou, no centro do fogão,  
Entregando-a, em seguida, á minha protecção.  
E nem quando morreu (tal foi sua avareza!)  
Disse ao filho onde estava occulta essa riqueza.  
Achou melhor deixal-o a braços co'a indigencia,  
Conservando o segredo á esteril opulencia.  
Herdou terras o filho — algumas poucas braças,  
Que com insano afan colheitas muito escassas  
Davam para viver mui parcamente ao dono,



Quando se foi dormir o derradeiro somno  
Quem me fez guardador do tal thesouro occulto,  
Quiz ver si o filho sea mostrava no meu culto  
Mais fervor do que o pai. Mas qual ! O culto meu  
Foi de mal a peor ; o filho me esqueceu.  
Por isso o castiguei. Morreu sem ter sabido  
Que tinha dentro em casa um thesouro escondido.  
Hoje seu filho e herdeiro aquella casa habita ;  
Elle a seu pai e avô em tudo segue e imita.  
Uma só filha tem, que, pia, me offerece  
Vinho, incenso e outros dons, em fervorosa prece,  
E corôas depõe no meu singelo altar.  
Vendo que ella restaura o culto ao Deus do lar,  
Consenti que seu pai, o sordido Euclião,  
Descobrisse o thesouro occulto no fogão.  
Em dote convertido, o ouro do avarento  
Ha de facilitar da moça o casamento.  
Nobre joven roubou-lhe a candida innocencia ;  
A moça não conhece o autor da violencia ;  
Elle conhece-a bem. De nada sabe o pai.  
E o velho, que reside aqui visinho, vai  
Do mofino Euclião a filha hoje pedir.  
Megadôro, o ancião que á moça quer se unir,  
E' tio do rapaz, que a flor da castidade  
Roubou nas *Cereas* á juvenil beldade...  
A minha providencia approximal-os quer,  
Para que o moço tenha a bella por mulher.  
Mas ouço do avarento a useira matinada  
Para expellir de casa a pobre da creada ;  
Empurra para fóra a velha, pois tem medo  
Que, ella dentro de casa, avente o seu segredo.  
Vai sosinho ao fogão, pois quer ficar tranquillo  
Sobre a guarda fiel do mystico sigillo.

---







# A MARMITA

## ACTO PRIMEIRO

### *Scena I*

Euclião e Stáphila

EUCLIÃO

Rua! Já disse que saias!  
Põe-te fora! Sais, ou não,  
Infame espia de saias,  
Com teus olhos de furão?

STÁPHILA

Porque assim atropellada  
Me trazeis? Que mal vos fiz?

EUCLIÃO

A' tua idade avançada  
Só cabe sorte infeliz.

STÁPHILA

Porque me fechais a porta?

EUCLIÃO

Não te dou satisfações.  
O motivo? Que te importa,  
Armazem de bofetões? (1)  
Vamos; puxa! Da outra banda!

*(Apontando para o outro lado da rua),*



Como vai a remanchar!  
Que lesma! Arrasta, não anda...  
Espera! Vou te ensinar!  
Vergalho ou páu de avelleira,  
Que ao mais preguiçoso estuga,  
Ha de mudar em carreira  
Teu passo de tartaruga.

STÁPHILA (*A' parte*)

Antes fosse minha sina  
A um patibulo subir,  
Que a um senhor tão serrazina  
Em taes condições servir!

EUCLIÃO

Vai resmungando a insolente!  
Furo-lhe os olhos um dia!  
Respirarei livremente  
Sem ter ao lado uma espia.  
Para mais longe; abre espaço;  
Mais... ainda mais... Basta, basta!  
Ai de ti si arredas passo,  
Si teu pé dahi se afasta,  
Inda que seja a largura  
Deste dedo ou desta unha!  
Ai de ti si, por ventura,  
Querendo ser testemunha  
De que eu faço, te lembrares  
Do olhar p'ra traz sem licença!  
Volve um só desses olhares...  
Numa cruz serás suspensa.

(*A' parte*)

Oh! que velha! Em rainha vida  
Eu nunca vi peste assim!  
Talvez do arcano instruida,  
Por phrases que ouviu de mim,



Saiba onde guardo a marmitta.  
Não ponho duvida nisso;  
Aquella brucha maldita  
Tem olhos té no toitiço.  
Vou vêr si está meu thesouro  
Tal e qual como o deixei.  
Causa-me a guarda deste ouro  
Sustos que nunca passei! (*Sai.*)

STÁPHILA (*Só, na rua.*)

Por Jove! Não sei que diga!  
Meu senhor tem cousa má!  
Ou a loucura o fustiga,  
Ou enfeitado está.  
Preso de estranha vertigem,  
Põe-me dez vezes na rua;  
E' desta mania a origem  
A febre, que nelle actua.  
A' noite faz sentinella;  
Passa em casa o dia inteiro,  
Qual, manejando a sovella,  
Aleijado sapateiro.  
Mas de que modo occultar-se  
De minha senhora o estado?  
Eu não descubro disfarce,  
Por mais que o tenha buscado!  
O seu termo já se adianta,  
E tenho alfim resolvido  
Fazer, de corda á garganta,  
De meu corpo um ■ comprido.

*Scena II*

EUCLIÃO E STÁPHILA

EUCLIÃO (*entrando e á parte*)

Já não me sinto inquieto;  
A visita me provou



Que no mais pequeno objecto  
Ninguem em casa tocou.

*(Para Stáphila)*

Entra e a casa vai guardar.

STÁPHILA

Guardar o que? Póde alguém  
Co'a propria casa abalar?  
Nada em si a casa tem.  
Nuns quartos, sómente cheios  
De nada e teias de aranha,  
Senhor, não tenhaes receios,  
Nada o ladrão agadanha.

EUCLIÃO

E' de pasmar com effeito,  
Que, pr'a ser-te prestadio,  
O céu não me houvesse feito  
Rei Philippe ou rei Dario!  
Na teia, que os muros cobre,  
Não tenhas, bruxa, a insolencia  
De vasculhar. Si sou pobre,  
E' que Jove o quer. Paciencia!  
Entra em casa e põe-te alerta.  
Ninguem aqui tenha ingresso;  
Não deixes a porta aberta,  
E espera, que eu já regresso.  
Apaga o fogo depressa,  
E luz aqui não se enxergue;  
Evitas que alguém t'o peça  
E me queira entrar no albergue.  
Olha bem! O fogo esconde,  
Si não te aperto o pescoço.  
Si agua pedirem, responde:  
« Vasou-se; está secco o poço. »



E' costume de visinho  
Pedir certos utensís ;  
— Uma faca, um machadinho,  
Um pilão, o almofariz.  
Dirás a taes importunos :  
«Não ha nenhum utensilio.  
Levaram tudo os gatunos  
D'este pobre domicilio.»  
Em summa; aqui ninguem tenha  
Entrada quando eu sahir;  
Mesmo a Fortuna que venha,  
Has de á porta a despedir.

STÁPHILA

Em nosso lar a Fortuna,  
Que faz timbre de evital-o!

EUCLIÃO

Entra, cigarra importuna,  
E cala-te!

STÁPHILA

Entro e me calo.

EUCLIÃO

Fecha a porta a dois ferrolhos,  
Que eu volto n'este momento.  
Doem-me d'alma os entresolhos  
Quando de casa me ausento.  
Mas assim é necessario.  
O que eu faço bem n'o sei;  
Pois da Curia o commissario  
Mandou, na forma da lei,  
Ao povo fazer entrega  
Da quota a cada cabeça.  
A isto ninguem se nega.



E caso eu não compareça,  
Hão de dizer que enterrada  
Eu tenho em casa maquia.  
Pois um pobre desgraçado  
Da mais pequena quantia  
Não é crível que desdenhe,  
Deixando de a receber.  
E já, por mais que me empenhe  
Em meu segredo esconder,  
Parece que a tal historia  
Anda na boca do mundo,  
Muito sabida e notoria.  
Com semblante mais jucundo  
Este conversa comigo,  
Aquell'outro a mão me aperta,  
Dando-me o nome de amigo.  
Que interesse lhes desperta  
O saberem como passo,  
Que negocio ando a tratar!  
Mas. . . apressemos o passo,  
Que em breve quero voltar.

FIM DO PRIMEIRO ACTO



## ACTO SEGUNDO

### *Scena I*

#### **Eunomia e Megadôro**

##### **EUNOMIA**

Dá-me credito, irmão; sou tua amiga;  
Digo-t'ó por teu bem, e só me instiga  
Amor fraterno. No geral conceito,  
Sempre infenso á mulher, grave defeito  
Real (confesso) o de falar sem conta  
Costumam assacar-lhe; e nem se aponta  
Mulher muda. Mas entre-se em materia.  
Meu caro irmão; a vida é cousa séria;  
Somos nós os parentes mais chegados,  
Eu teu, tu meu; um d'outro auxiliados,  
Compartamos conselhos, pareceres.  
Para melhor cumprir nossos deveres,  
Liguemo-nos, irmão; e nem reservas  
Haja entre nós. Si fielmente observas  
Leal franqueza, os nossos interesses  
Hão de lucrar. Pedi-te que viesses,  
Tomando-te o lazer, de que dispunhas,  
Para d'elles falar sem testemunhas,  
Sós, entre nós, nos aposentos nossos.

##### **MEGADÔRO**

Excellentemente mulher! Toca estes ossos.



EUNOMIA

Que mulher? Onde está?

MEGADÔRO

Tu mesma.

EUNOMIA

E' serio?

MEGADÔRO

Si negas, nego.

EUNOMIA

Demonstrar criterio

Deves, querido irmão, no que disseres.

Excellent mulher, entre as mulheres,

Não existe. Por gráus de pessimismo

Uma doutra differe. E' apherismo.

MEGADÔRO

De accordo; tens razão. Mas dize logo  
Que desejas de mim?

EUNOMIA

Ouve, eu te rógo.

MEGADÔRO

Ordena; sou teu servo respeitoso.

EUNOMIA

Quero dar-te um conselho proveitoso.

MEGADÔRO

Como costumás sempre.



EUNOMIA

E é meu desejo.

MEGADÔRO

De que se trata?

EUNOMIA

Quero dar-te ensejo  
De vires a ser pai.

MEGADÔRO

Os ceus te escutem!

EUNOMIA

Vou casar-te.

MEGADÔRO

Morri!

EUNOMIA

Que tens?

MEGADÔRO

Percutem  
Em meu cerebro as phrases, que vibraste.  
Parece que com pedras me falaste.

EUNOMIA

Segue o conselho meu.

MEGADÔRO

Contra o meu gosto?

EUNOMIA

E' do teu interesse.



MEGADÔRO

Estou disposto.  
Morrer prefiro a contrahir enlace.  
E si acaso essa asneira eu praticasse,  
Com clausula seria, antes de todas,  
De viuvo ficar depois das bôdas.  
Si aceitas, quero ver minha futura.

EUNOMIA

Traz opulento dote. E' já madura;  
De meia idade. Si me dás licença,  
Eu vou pedil-a ao pai sem mais detença.

MEGADÔRO

Uma pergunta, irmã.

EUNOMIA

As que te aprazam.

MEGADÔRO

E' bastante uma só. Quando se casam  
Um homem no declinio da existencia,  
E mulher, tambem já na decadencia  
Da idade, o filho da união gerado,  
Não deverá ser — Posthumo — chamado?  
Mas quero te poupar todo o cuidado  
Por mim. Graças de Deus á providencia,  
E' de nossos maiores á prudencia,  
Sou rico. Para mim não tem valia  
Essas mulheres de alta gerarchia,  
Alardeando dotes sumptuosos  
Com ar altivo e gestos orgulhosos,  
Erguendo pó, fazendo espalhafato,  
Com seus trens de marfim, purpureo fato.  
Mulheres são, que fazem dos maridos  
Uns maricas, em servos convertidos.



EUNOMIA

Mas quem foi a mulher com tanto acerto  
Escolhida por ti?

MEGADÔRO

Vou já dizer-t'o.  
Conheces Euclião?

EUNOMIA

Oh! si o conheço!  
E' bom visinho, e o tenho em muito apreço.

MEGADÔRO

Pois vou pedir-lhe a filha, e não pergunto  
A tua opinião sobre este assumpto.  
Poupa-me teus sermões; vás, com certeza  
Dizer que é pobre. Apraz-me essa pobreza.

EUNOMIA

Seja-te o ceu propicio!

MEGADÔRO

Assim o espero.

EUNOMIA

Que mais queres de mim?

MEGADÔRO

Nada mais quero;  
Adeus.

EUNOMIA

Adeus, irmão.

MEGADÔRO

O velho agora  
Vou ver. Chego ao pintar; pois vem de fóra.



*Scena II*

**Euclião e Megadôro**

**EUCLIÃO**

Que inuteis passos gastava  
Previra quando sahi ;  
Por isso tanto hesitava  
Em arredar-me daqui.  
Nenhum esteve presente  
Dos empregados da Curia ;  
Até mesmo o presidente  
Mostrou culpavel incuria,  
Não indo entregar ao povo  
A quota. Depressa entremos ;  
Si alguma cousa ha de novo  
Em casa, verifiquemos.  
Em quanto ausente demoro,  
Alli minh'alma se atém.

**MEGADÔRO**

Salve, Euclião!

**EUCLIÃO**

Megadôro,

Salve!

**MEGADÔRO**

A saude vai bem?

**EUCLIÃO** (*à parte*)

Tanta festa o rico ao pobre  
Sem forte razão não faz ;  
P'ra ver si a chelpa descobre  
Blandicias nos labios traz.



MEGADÔRO

Então, vás bem? Ficas mudo?

EUCLIÃO

Muito mal de numerario.

MEGADÔRO

O justo tem sempre tudo,  
Quanto á vida é necessario.

EUCLIÃO (*à parte*)

Disse-lhe tudo a criada;  
Já não ha que duvidar.  
Corto-lhe a lingua damnada,  
Os olhos lhe hei de arrancar.

MEGADÔRO

Que estás baixinho rosnando  
Comtigo a sós, Euclião?

EUCLIÃO

Estou aqui lastimando  
O ver-me tão pobretão.  
Que miseria! Tenho em casa  
Uma filha casadeira;  
Ella sem dote não casa,  
E póde morrer solteira.

MEGADÔRO

Euclião, não digas isso,  
Não desesperes assim;  
No que fôr de teu serviço  
Poderás dispor de mim,



EUCLIÃO (*á parte*)

Não me desvia a suspeita!  
Roubar-me o thesouro intenta.  
Traz pedra na mão direita,  
Na outra um pão me apresenta.  
Quando o rico assim despende  
Tanto agrado a um indigente,  
Tem sempre, na mão que estende,  
Algum funesto presente.  
São de mim bem conhecidos  
Tões polypos sociaes,  
Que á gente uma vez prendidos,  
Não se despegam jámais.

MEGADÔRO

Escuta-me um só instante,  
Euclião; tem paciencia.  
Trato de assumpto importante,  
De mutua conveniencia.

EUCLIÃO (*á parte*)

Entra em conchavo comigo!  
Adeus, querida marmita!  
Vou correndo a seu jazigo  
A fazer-lhe uma visita.

MEGADÔRO

Onde vais?

EUCLIÃO

Um só momento;  
Tenho em casa que fazer. (*sáe.*)



MEGADÔRO

Si eu pedir-lhe em casamento  
A filha, o velho ha de crer  
Que delle rio e escarneço ;  
Mas, falando com franqueza,  
Pobre maior não conheço,  
Nem que mostre mais pobreza.

EUCLIÃO (*à parte*)

Está salva ; mas que susto  
Antes de a vista lhe pôr !  
Protege-me o céu, que é justo. (*Para Megadôro*)  
Megadôro, a teu dispor.

MEGADÔRO

Obrigado. Agora espero  
Que a umas perguntas respondas.  
Peço-te sejas sincero  
E a verdade não me escondas.

EUCLIÃO

Interroga, que estou prompto  
A falar verdade inteira,  
Si não fôr sobre algum ponto  
Em que responder não queira.

MEGADÔRO

Que tal é meu nascimento ?

EUCLIÃO

Bom.

MEGADÔRO

De conceito hei gozado ?



EUCLIÃO

Sempre.

MEGADÔRO

E meu procedimento?

EUCLIÃO

Mais que excellente, illibado.

MEGADÔRO

Que pensas de minha idade?

EUCLIÃO

E's tão velho quanto rico.

MEGADÔRO

E eu, por tua lealdade  
Sempre fiquei e inda fico.  
Já que assim nos conhecemos,  
De Phedra te peço a mão;  
Queiram os numes supremos  
Abençoar a união.

EUCLIÃO

Megadôro, não te cabe  
Desta maneira zombar  
Dum infeliz, que não sabe  
Em que te pode agravar.  
Nem por acções, nem por phrases,  
Em tempo algum te offendi;  
E' muito feio o que fazes;  
E' menos digno de ti.



MEGADÔRO

Por Pollux, não tenho em vista  
Zombar de ti, caro amigo.  
Nunca passei por farcista,  
Nem isso quadra comigo.

EUCLIÃO

Mas que razão te levara  
A pedires minha filha?

MEGADÔRO

Eu te digo; é que julgara  
O poder dar em partilha  
Posição firme e segura  
A tão formosa donzella,  
Fazendo a tua ventura,  
E a de tua parentella.

EUCLIÃO

Quando, amigo, em ti se fala,  
Apontam-te como a um Créso;  
Eu sou dos pobres na escala  
O maior, pois nada avéso.  
Si eu consentir nesse enlace,  
Hão de dizer: Como foi  
Que succedeu se encontrasse  
O burro ligado ao boi?  
O burro eu sou) não podendo  
Com carga á do boi igual,  
Irei, ao peso cedendo,  
De bôrco no tremedal.  
E si o meu boi por acaso  
Em tal posição me vira  
Fará de mim tanto caso  
Como si eu nunca existira;



Ha de, além disso, tratar-me  
Com alta sobrançeria  
E os burros, a escoicear-me,  
Farão de mim zombaria.  
Si houver briga, em que pousadas  
Hei de asylar-me depois?  
Hão de os burros a dentadas  
Correr-me, a chifres os bois.  
Deixando a baia asinina,  
Para entrar dos bois no aprisco,  
Passarei vida mofina,  
Expondo-me a grande risco.

MEGADÔRO

Nunca ninguém se arrepende  
De ligar-se á gente honesta.  
A' minha supplica attende  
De vantagem manifesta.

EUCLIÃO

Não leva dote.

MEGADÔRO

Eu dispenso.

A discrição, o juizo,  
Formam perante o bom senso  
O dote, ás moças preciso.

EUCLIÃO

Mas isto digo, e te observo  
P'ra que fiques convencido  
Que não achei, nem conservo  
Algum thesouro escondido.

MEGADÔRO

Bem o sei; nem tal presumo.  
Responde; estou esperando.



EUCLIÃO

Pois seja. Mas, Jove Summo,  
Lá me estão assassinando!

MEGADÔRO

Que tens?

EUCLIÃO

Não ouviste agora  
Como que um ferro a cavar? (*sahe.*)

MEGADÔRO

E' gente que puz lá fóra  
No jardim a trabalhar.  
Porém, que é delle? Abalou  
Sem resposta decisiva;  
Porque o procurando estou,  
O velho de mim se esquiva.  
Eis como a gente pratica;  
Si ao pobre o rico procura  
E amizade lhe offerece,  
Timorato o pobre fica  
E suspeito parece.  
Perde assim, inconsciente,  
Occasião de provento,  
E disso, mais tarde, sente  
Frustraneo arrependimento.

EUCLIÃO (*entrando e à parte*).

Velha, si a lingua malvada  
Eu não fizer arrancar-te,  
Que me seja decepada  
De meu corpo a melhor parte.



MEGADÔRO

Velho de cabeça tonta  
Sou, na tua opinião;  
De farcista tens-me em conta;  
Procedes mal, Euclião.  
Fazer de alguém zombaria  
De meu character destôa;  
E mais feio inda seria  
Em quanto á tua pessoa.  
A filha, emfim, me concedes?

EUCLIÃO

Com o dote estipulado?

MEGADÔRO

Sim.

EUCLIÃO

Accedo ao que me pedes.

MEGADÔRO

Que Jove seja louvado!

EUCLIÃO

O ceu a união bemdiga  
Para ventura commum!  
Mas olha que a rapariga  
Não leva dote nenhum!

MEGADÔRO

Sim.

EUCLIÃO

Mas eu sei das trapaças,  
Que ha nestas occasiões;  
Illudem com varias traças  
Do contrato as condições;  
Dão por valido o que é nullo,  
Por nullo o que tem vigor.



MEGADÔRO

Serio sou; jamais calcúlo  
Com a má fé; bane o temor.  
Mas posso fazer as bodas  
Hoje mesmo?

EUCLIÃO

Pódes, sim.

MEGADÔRO

Eu vou dar as ordens todas.  
Que desejas tu de mim?

EUCLIÃO

Que não demores.

MEGADÔRO

Verás  
Como andarei apressado.  
O' Strobilo, onde estás?  
Vem já comigo ao mercado (*sahe*).

EUCLIÃO

Foi-se. Oh Jove soberano!  
Quanto poder tem o ouro!  
Elle sabe o meu arcano  
E quer furtar-me o thezouro.  
Por isso é tanta a insistencia  
Em que eu me torne seu sogro;  
Quer em mim ter influencia,  
Para que eu caia no logro.



*Scena III*

Euclião e Stáphila

EUCLIÃO

Onde estás, cousa ruim, lingua molina,  
Que andas a blaterar, em cada esquina,  
Que doto a filha? Stáphila, é teu amo  
Quem procura por ti; vem, que te chamo. (*Chega Stáphila*).  
Apressa-te em lavar a louça fina,  
Amphoras, tudo; casa-se a menina.

STÁPHILA

Abençoem os ceus o casamento.  
Lavar? Quando? Não tenho um só momento  
De meu; si em roda viva estou gyrando!

EUCLIÃO

Cala-te e vai fazer o que te mando.  
A' tarefa! E que tudo esteja prompto  
Quando eu voltar. Tranquillo neste ponto,  
Vou sahir. Fecha a porta; estou contigo  
Em breve.

STÁPHILA

Que fazer? Insta o perigo.  
Não tarda a consummar-se a perda minha  
E da menina; o termo se avisinha.  
E em breve saberá toda a cidade  
Do segredo fatal! Que anciedade!  
Mas entremos, que o tempo não me sobra  
Para tanto serviço, e mãos á obra.  
Pelo divo Castor, que desventura!  
Vou esgotar a taça da amargura.



— *Scena IV*

Strobilo, Congrião e Anthrax

STROBILO

Ha pouco, meu senhor da feira remetteu  
Completa provisão, de que se abasteceu;  
Flautistas contractou para o festim e disse  
Que em metades iguaes eu tudo dividisse.

CONGRIÃO

A mim é que não has de ao meio dividir;  
Mas inteiro aqui estou, disposto a te servir.

ANTHRAX

Que pudico rapaz! Então, si te pedisse,  
Não consentiras tu que alguem te repartisse?

CONGRIÃO

Não foi isso que eu disse, Anthrax; não me entendeste.  
Minha phrase e intenção a teu sabor torceste.

STROBILO

Agora para o brodio eu vou dispor a casa.  
Toma estado o senhor.

CONGRIÃO

Então, com quem se casa?

STROBILO

Do visinho Euclião despósa a linda filha.  
Por isso, meu senhor com elle hoje partilha  
Tudo quanto mandou; da divisão na lista  
Além de um cosinheiro, inclue uma flautista.



CONGRIÃO

Fica metade aqui, metade no visinho?

STROBILO

Assim é.

CONGRIÃO

Pois então o velho é tão mesquinho,  
Que para celebrar no proprio domicilio  
O festim do noivado, aceita extranho auxilio?  
Pois de estylo não é que o pai somente faça  
O festim nupcial?

STROBILO

De certo.

CONGRIÃO

Que o embaraça  
De cumprir tal dever?

STROBILO

Mais facil de uma pedra  
Fôra azeite extrahir do que do pai de Phedra  
Arrancar um ceutil.

CONGRIÃO

Parece que exageras!

STROBILO

Pois ouve e julgarás si falo, ou não, deveras.  
Deuses, homens invoca e grita por soccorro,  
Vel-o-heis, na afflicção, bradar: ai, ai que morro;  
Roubaram-me, cahi na mais cruel desgraça!  
Por ver sahir de casa um pouco de fumaça.  
Põe um folle na boca e quando accorda o tira.



CONGRIÃO

P'ra que?

STROBILO

P'ra não perder o sopro, que respira.

CONGRIÃO

E não põe um tampão nas fôssas do nariz?

STROBILO

Serio falando estou, e sou eu quem to diz.

CONGRIÃO

Creio.

STROBILO

Si perde ao banho algumas gotas d'agua,  
Sente pelo espedicio a mais profunda magua.

CONGRIÃO

Si eu lhe fosse pedir para nossa alforria  
Um talento somente, o velho assignaria ?

STROBILO

Pedisses mesmo a fome, a fome te negava.  
Outro dia o barbeiro as unhas lhe cortava;  
Pois colheu e guardou, apara por apara.  
Fona de tal jaez é cousa muito rara.

CONGRIÃO

Custa-me a acreditar que seja tão sovina !



STROBILO

Miseravel não ha de vida tão mofina!  
Ha tempo, um gavião levou-lhe pelo ar  
A carne, reservada a seu parco jantar.  
Foi o velho ao Pretor, e em lagrimas banhado,  
Em juizo pediu que fosse alli citado  
O passaro ladrão. Seiscentos casos mais  
Eu neste gosto sei e muito originais.  
Hoje não tenho tempo e ficam p'ra depois.  
Mas digam-me: Qual é mais agil dentre os dois?

CONGRIÃO

Sou, sem comparação, mais agil e ligeiro.

STROBILO

Não falo de ladrão e sim de cosinheiro.

CONGRIÃO

Como tal é que falo.

STROBILO (*para Anthrax*)

E tu, não dizes nada?

ANTHRAX

Cá por mim, sou quem sou; de firma acreditada.

CONGRIÃO

Cosinheiro de feira! (²) Um dia, em nove dias,  
Faz para gente baixa insôssas iguarias.

ANTHRAX

Vejam quem me desdenha! Um biltre, cujo nome  
Tem seis letras: ladrão!



CONGRIÃO

Oh! vil fautor da fome!

Si letras seis contêm o nome que me dás,  
No teu ha mais do dobro; és archi-ladravaz.

STROBILO

Basta. Desses carneiros péga o mais pesado  
E leva-o sem demora á casa aqui do lado. (*Para os outros*)  
Fique esta gente aqui. Vocês venham comigo.

CONGRIÃO

Fizeste má partilha e que não é de amigo;  
O carneiro mais gordo aqui ficar devia.

STROBILO

Pois para compensar-te, em tua companhia,  
Congrião, vou deixar-te Phrygia, a mais nutrida  
Das flautistas, que trouxe. E, certo, agradecida  
Ella me fica. E' Phrygia uma mulher de peso;  
Por ti não deve ser tratada com desprezo,  
Que na flauta é perita. Agora, Eleusia, vem;  
Ficarás nesta casa, e pois entra tambem  
Lá para o interior.

CONGRIÃO

Strobilo malvado!

Vais pôr-me do avarento em casa desterrado.  
Antes que alli me dêem as cousas, que eu pedir,  
Hei de rouco ficar e as forças consumir.

STROBILO

Vão favores prestar a quem não agradece!  
Si este alvitre tomei foi no teu interesse.



CONGRIÃO

Deveras? Como assim?

STROBILO

Inda o pergunta, o ingrato!

Primeiro, alli não tens o grande espalhafato  
Dos escravos de cá. Depois, um trem sortido  
De cosinha te dou, e delle irás provido.  
Aqui se acotovela e ferve immensa turba,  
Que serve de embarço e o trabalho perturba.  
Na casa de estadão ha trastes de valia;  
Ha tapetes de luxo, ha ouro e prataria.  
Si vier a faltar alguma dessas cousas,  
(Muito bem te conheço, e sei que só não ousas  
Pôr a mão no que está longe de teu alcance),  
Do furto hão de accusar-te e no apertado lance,  
« Foi elle (hão de bradar)! Infame cosinheiro!  
Foi elle quem roubou e mais seu companheiro;  
Vão prendel-o, algemal-o e seja fustigado  
E a carcere profundo em ferros atirado. »  
Na casa de Euclião, porém, não ha perigo  
De tal accusação; pois nada existe, amigo,  
Lá que possa roubar-se. Assim livres ficamos  
De susto e desprazer. Segue-me os passos.

CONGRIÃO

Vamos.

*Scena V*

Strobilo, Stáphila e Congrião

STROBILO

Stáphila! O' de casa! Abre, mulher.

STÁPHILA

Quem bate?



STROBILO

Sou Strobilo.

STÁPHILA

E que quer?

Strobilo de mim?

STROBILO

Venho da parte  
De meu senhor ao teu. Quero entregar-te  
Cosinheiro, mulher perita em flauta,  
E o que é preciso para mesa lauta.

STÁPHILA

Temos de celebrar bodas de Ceres?

STROBILO

Porque?

STÁPHILA

Bodas sem vinho!

STROBILO

Em seus misteres  
Meu amo anda na rua, e ao vir da feira,  
De vinho proverá vossa frasqueira.

STÁPHILA

Falta-nos lenha.

CONGRIÃO

Pois não ha janellas,  
Portas, umbreiras? Faze lenha dellas.  
Ahi temos provisão de combustivel,  
Sem de casa sahir.



STROBILO

Será possível!  
Que tu, a quem o fogo de Vulcano  
Puro inda não tornou, tenhas o plano  
De queimar deste modo um edificio!  
Só para não perder de teu officio  
O vil salario, praticar um crime!

CONGRIÃO

Eu tal não disse.

STÁPHILA

Entrai. E vós, segui-me.

*Scena VI*

Pithódico (*só*)

PITHÓDICO

Trabalhai; que vou ver si na cosinha  
Todos na lida estão. Por vida minha,  
E' difficil velar sobre esta gente!  
Custa a exercer o cargo de intendente!  
Conviria talvez que preparassem  
Em baixo a ceia e em cestos a lingassem.  
E si comendo forem a iguaria,  
Que estejam a fazer? Jejuaria  
Quem mora em regiões superiores.  
Tomando fartadella os moradores  
Das baixas regiões. Que estou fazendo?  
O tempo em palanfrorio ando perdendo,  
Qual si não estivesse atarefado  
Com tanto que fazer, sendo obrigado  
A velar nesta malta roubadora,  
Que enche a casa e me traz em dobadura.



*Scena VII*

**Euclião e Congrião**

**EUCLIÃO (só)**

Para tornar mais luzido  
De minha filha o noivado,  
Fui, a compras decidido,  
Esta manhã ao mercado.  
O peixe, a salsicharia,  
Vacca, vitella e carneiro,  
Tudo, tudo se vendia  
Por um horror de dinheiro!  
Voltei zangado da feira,  
Pois quasi nada comprara;  
Tanto mais que na algibeira  
Pouco dinheiro levava.  
Que grande peça preguei  
A'quelles vis regatões!  
Regressando, ruminei  
Estas graves reflexões:  
« A quem nos dias de festa  
Gastos faz desnecessarios  
Pouquissimo ou nada resta  
Para os dias ordinarios. »  
Deste modo é que a prudencia  
Ao ventre e á razão falou;  
Deste modo a consciencia  
O desejo dominou.  
Firme, pois no pensamento,  
Que na mente revolvía,  
Farei hoje o casamento  
Co'a maior economia.



Trouxe este pouco de incenso  
E esta coroa de flores,  
Que ha de attrahir, como penso  
Do nosso Lar os favores.  
Rogarei, levando a offerta,  
Que proteja esta união. . .  
Mas, que vejo! A porta aberta  
E a casa em revolução!  
Que rumor desesperado!  
Ai! Euclião miserando,  
Estavas tão descuidado  
E a casa te vão roubando!

CONGRIÃO (*de dentro de casa*)

Vê si podes ahi por perto  
Outra marmitta arranjar;  
Nesta não cabe, por certo,  
O que eu quero preparar.

EUCLIÃO

A marmitta! ? Está perdida,  
Si a defendel-a não corro ;  
Ai! que me arrancam a vida!  
Vem, Apollo, em meu soccorro!  
Tu, que salvaste meu ouro  
Em outras occasiões,  
Os ladrões do meu thesouro  
Traspassa com teus farpões.  
Mas já tardo. Que pretendo,  
Si a minha perda combinam?  
Vou ver si o ouro defendo,  
Daquelles, que me assassinam.



*Scena VIII*

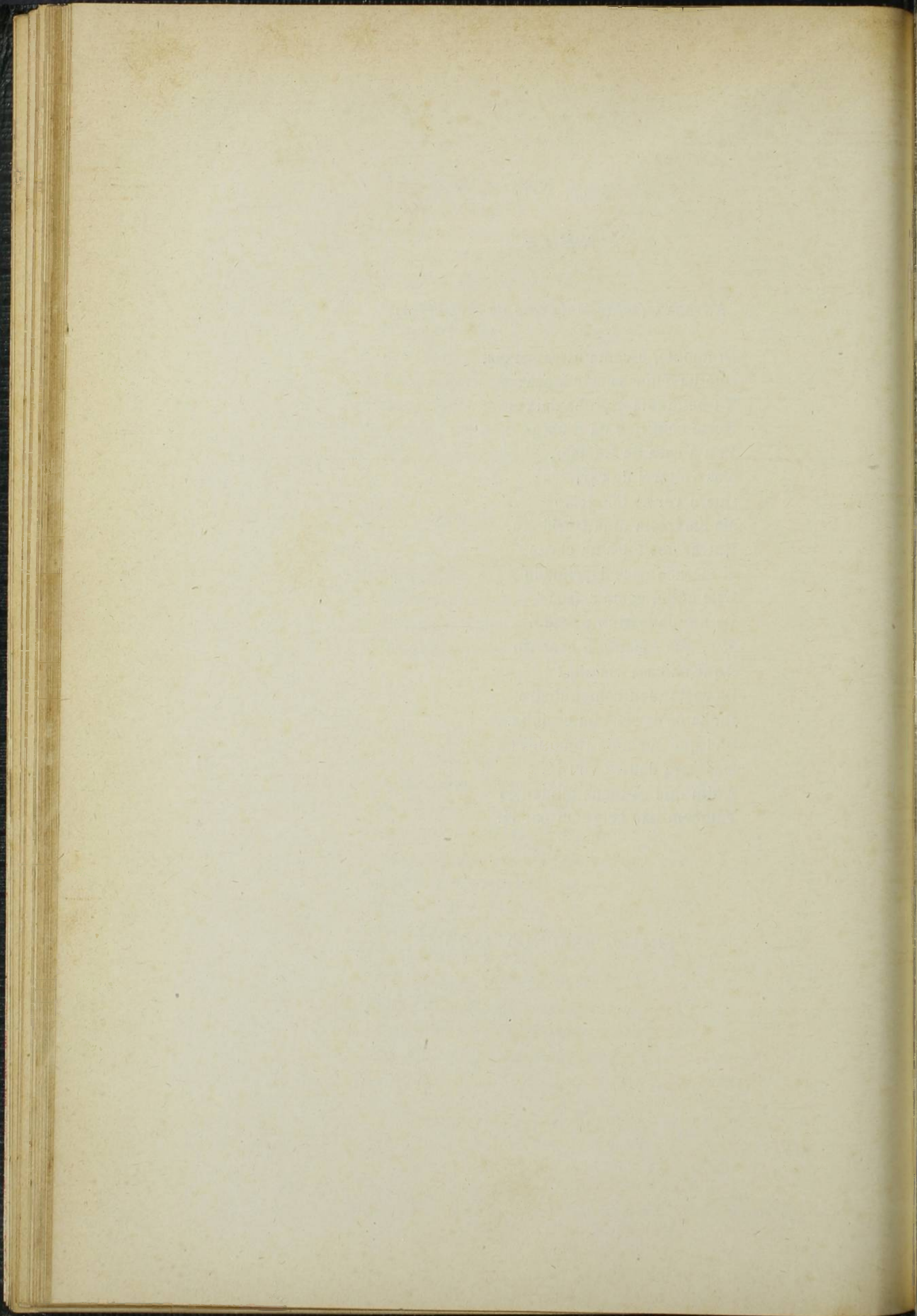
**Anthrax**

*ANTHRAX (sahindo de casa de Megadôro)*

Dromonte, escama esses peixes,  
Que havemos servir á cêa;  
Tu nenhuma espinha deixes  
Nesse congro e na murêa.  
Vou á casa de Euclião,  
Mas voltarei de carreira;  
Quero vêr se Congrião  
Me empresta uma frigideira.  
Entras dos tolos na classe  
Si me não pôes depennado  
Este gallo, como a face  
De um dansarino pellado.  
Mas, que espantoso berreiro  
Aqui na casa visinha!  
De certo meu companheiro  
Ralha co'os seus na cosinha.  
Oh! que sucia de tunantes!  
Mas para dentro vou já,  
A fim que os meus ajudantes  
Tambem não briguem por lá.

FIM DO SEGUNDO ACTO







## ACTO TERCEIRO

### *Scena I*

Congrião e Euclião

CONGRIÃO (*sahindo de casa de Euclião*)

Caros concidadãos, que em nossa grande Athenas  
Tendes morada fixa e todos vós, que apenas  
Por ella transitais; abri-me, abri-me espaço;  
Quero daqui fugir com apressado passo.  
Nunca fui cosinhar em casa de bacchantes,  
De tanta furia assim! Meus pobres ajudantes  
Foram, qual fui tambem, moidos de arrojadas,  
Desabando a garnel, por forte mão vibradas.  
Todo o corpo me doi; tenho esta mão ferida,  
E não sei, ai de mim! si escaparei com vida!  
Faz de mim seu gymnasio (3) este velho infernal;  
Em dar lenha a qualquer ninguem mais liberal.  
Para nos despedir lançou-nos ao costado  
Forte carga de pau. Estou assassinado.  
Desditoso de mim! O velho abriu a porta,  
E no encalço me vem. Já sei. Agora importa  
O pagar-lhe a lição, que delle recebi. (*entra Euclião*).

### *Scena II*

Congrião e Euclião

EUCLIÃO

Espera! Onde é que vais? Detem-te um pouco ahi!



CONGRIÃO

Porque estás a gritar assim, ó paspalhão?

EUCLIÃO

Vou já denunciar-te.

CONGRIÃO

A mim? por que razão?

EUCLIÃO

De faca armado estás.

CONGRIÃO

Arma de cosinheiro;

Outra cousa não sou.

EUCLIÃO

Por isso, traiçoeiro,

Quizeste-me ferir com ella.

CONGRIÃO

Amosinado

Estou por não te haver o corpo atravessado.

EUCLIÃO

Facinora, maior que tu, não ha no mundo,  
Nem outro, a quem de industria em jubilo profundo,  
Eu mais deseje mal.

CONGRIÃO

Escusas de dizel-o.

Inda ha pouco o senti, quando me foste ao pello.  
Sovaste-me de arrocho, e tenho o corpo meu  
Melle, qual dansarino. Agora: Quem te deu  
Direito de espancar? Que te fiz, vil mendigo?  
Que razão te levou a proceder comigo  
De modo tão brutal?



EUCLIÃO

Inda fazes perguntas!  
Parece que foi pouco, e queres ver si ajuntas  
Mais parcellas á conta. Ahi vai o complemento!

CONGRIÃO

Será para teu mal si acaso um sentimento  
Na cabeça eu tiver.

EUCLIÃO

Não sei si no porvir  
Ha de tua cabeça, ó toleirão, sentir;  
Mas sei que está sentindo e muito neste instante.  
Quero, porém, saber que vinhas, meu birbante,  
Fazer, estando eu fóra, e sem licença minha,  
Nesta casa?

CONGRIÃO

Que sécca! Attende : na cosinha  
O brodio preparava.

EUCLIÃO

O' biltre! Que tens tu  
Que seja o meu comer cosido, assado, ou cru?  
Acaso és meu tutor?

CONGRIÃO

Quero saber então :  
Preparo a cêa aqui? Responde. Sim, ou não?

EUCLIÃO

Quero saber si tenho a casa em segurança;  
E si a mim, dono seu, inspira confiança  
Gente, que nella está.



CONGRIÃO

Eu fico satisfeito  
De levar o que é meu, completo e sem defeito.  
Temes que alguma cousa eu haja subtraído?

EUCLIÃO (*ironicamente*)

Tu nunca furtas nada. . . E's muito conhecido. . .

CONGRIÃO

Dize, porque motivo, ó velho, recusaste  
Que a cêa eu preparasse e assim nos maltrataste?

EUCLIÃO

De perguntar não cessa o scelerado infando!  
Pois não te lembras já que andaste esquadrihando  
De cantinho em cantinho, a minha habitação?  
Si estivesse dispondo a cêa no fogão,  
Não terias agora a cabeça partida.  
Coube-te um bom quinhão; foi pena merecida.  
Escuta: contra ti vou dar minha sentença:  
Si tornas a transpor, sem ordem ou licença,  
Dessa porta a soleira, ai misero de ti!  
Estás, pois, avisado. Onde vais? Volta aqui.

CONGRIÃO

(Vem em soccorro meu, Laverna, acode asinha!)  
Sinão me mandas dar meus vasos de cosinha,  
Farei á tua porta um barulho infernal.  
Agora, que me resta? Entrei, para meu mal,  
Sob auspicio asiago em casa deste avaro.  
Em vez de lucro haver, me vai ficar bem caro  
Meu aluguel aqui! Justei todo o serviço  
Por uma peça de ouro. O dobro, ao menos, disso,  
Que em mão do ladravaz de certo agora fica,  
E' para pagamento a medico e botica.



*Scena III*

Euclião, Congrião e outros

EUCLIÃO (*segurando a marmita*)

Irás, thesouro adorado,  
A' toda a parte comigo;  
Serás assim resguardado  
Sempre de todo o perigo. (*a Congrião e outros*)  
Podem entrar, sem reserva,  
Flautistas e cosinheiros.  
Tu, chefe desta caterva,  
Entra com teus companheiros;  
Preparai vossos guisados,  
Conforme tendes disposto;  
Andai por todos os lados;  
Fazei tudo a vosso gosto!

CONGRIÃO

Depois que o craneo a cacete  
Em um crivo me fizeste!

EUCLIÃO

Entra, prepara o banquete;  
Para orador não vieste.

CONGRIÃO

Has de, ó velho traiçoeiro,  
Pagar-me estas bordoadas;  
Eu sirvo de cosinheiro,  
Não de armazem de pancadas.



EUCLIÃO

Olha, que me estás massando!  
Ao juiz queixa darás.  
A' cêa, sinão te mando  
A' forca.

CONGRIÃO

Tu sim, irás. (*sahe*)

*Scena IV*

Euclião (*só*)

Té que, afinal, partiu! Oh deuses! que loucura  
Faz o pobre, attendendo ao rico, si o procura  
Este, para provar dedicação de amigo,  
Ou por mutuo interesse. A prova do que digo  
Em Megadôro está. Que ardil, com que me tenta,  
Para ver (ai de mim)! si o meu segredo aventa!  
Fingindo que me quer prestar uma fineza,  
Cosinheiros mandou, que são (tenho a certeza)  
Disfarçados ladrões, dispostos a roubar-me.  
Mesmo dentro de casa estão a atraiçoar-me;  
Todos querem perder-me. . . Até meu proprio gallo,  
Cumplice do dragão, que andou a industrial-o,  
(Falo da velha furia) esgravatava o chão  
No logar do escondrijo, em torno do fogão;  
E ao longe sacudindo a terra, esse velhaco  
Com o bico e esporões abriu grande buraco.  
Abrasado em furor, dum varapau travei,  
E em flagrante delicto o meu ladrão matei.  
Quem me diz que os maráus, que em casa se metteram,  
Alguma recompensa ao gallo prometteram?  
Esse instrumento hostile nas mãos lhes foi quebrado,



E a guerra terminou co'a morte do emplumado.  
Vejo, porém, chegar, de volta já do fôro,  
O meu futuro genro, o velho Megadôro.  
Eu não devo fugir-lhe; é força aqui ficar,  
Demonstrar-lhe afeição, com elle conversar.

*Scena V*

Megadôro e Euclião (*à porta de sua casa*)

MEGADÔRO

A quanto amigo meu dei parte da união  
Elogios merece a filha d'Euclião.  
Dizem-me: « Fazes bem; deste acertado passo. »  
Si os ricos, em geral, fizessem o que eu faço,  
Desposando sem dote as moças — que harmonia  
Entre a gente opulenta assim não reinaria !  
Mais nos poupava a inveja e houvera mais receio  
De mulher a marido; ao luxo imporia freio  
O salutar systema. Um grande contingente  
De vantagens coubera ao povo, e descontente  
Ficavam por ahi uns taes ambiciosos,  
Que felizmente são bem pouco numerosos,  
E cuja cupidez limites não conhece.  
Mas hão de ponderar: « Si tal costume houvesse,  
A quem desposaria a filha do opulento? »  
Escolha a moça rica esposo a seu contento,  
Mas não receba dote ao receber marido.  
Si tal uso entre nós se houvera introduzido,  
Moça, cuja familia é farta em cabedaes,  
Quizera realçar os dotes naturaes,  
Fazendo que se esqueça o não trazido dote,  
Por meio de um conjunto amavel, que denote  
Virtudes senhoris, distinctas qualidades,  
As mulheres alçando ao grau de Divindades.



EUCLIÃO (*á parte*)

Assim é que é falar! Ouvil-o me extasia;  
Trata como um doutor de luxo e economia.

MEGADÔRO

Não diria a mulher: « Teu pouco haver cresceu  
As' proporções, que tem, graças ao dote meu!  
Quero purpura e ouro, e joias e criadas,  
Quero carro e cocheiro e mulas adestradas. »

EUCLIÃO (*á parte*)

Como conhece o luxo feminil, ó numes!  
Que excellente fiscal dos mulheris costumes!

MEGADÔRO

Tem carros cada casa em basta quantidade,  
Como vemos no campo, ao virmos á cidade.  
Da equipagem, porém, é minima a despeza  
Em face de outras mais de varia natureza.  
Temos o bordador em lã, os tintureiros,  
Artistas em cabelo, ourives, pisoeiros,  
Os que sabem cortar as femininas tunicas,  
Os que tingem de roxo, e jalde, e cores punicas,  
Mercadores de linho e fachtas, perfumistas,  
De mangas de vestido especiaes modistas,  
Os que fazem chapéus, chinellos e sapatos,  
Cinteiros, roupa branca e outros iguaes ornatos.  
Para pedir dinheiro á porta inda vos bate  
Remendão, tirador de nodoas, alfaiate,  
E o que colletes vende e enfeites de pescoço.  
Julgaes extincto o rol? Engano! Em alvoroço,  
Acode nova chusma. Eis chega o tecelão,  
Serigueiro, o que tingem os pannos de açafião,  
Bordadores de roupa, adelos de aventaes,  
E outros galfarros mil em condições que taes.



EUCLIÃO (*à parte*)

Que abraço lhe ia dar, si acaso não temesse  
Que a critica moral o velho interrompesse!  
Escutal-o prefiro.

MEGADÔRO

E quando os taes sujeitos,  
De nugas regatões-se ausentam satisfeitos,  
Cobra o soldado o imposto. A' casa do banqueiro  
Vai a gente, suppondo achar saldo em dinheiro.  
Cansa-se de esperar o pobre do soldado,  
Pois quer a sua quota e vive esfomeado.  
Feita a conta, no banco, é contra nós o saldo;  
E um homem, que se vê de todo ao naipe baldo,  
Manda vir o credor em outra occasião.  
De varias verbas mais não faço aqui menção,  
Nem de incommodos mil, que formam o cortejo  
Dos taes dotes de estrondo; agora falta ensejo.  
A que dote não traz sujeita-se ao marido;  
A que dotada vem allega ter trazido  
Tudo para o casal; a custo se supporta  
Flagello atróz assim. Mas já meu sogro á porta  
De sua casa vejo. (*para Euclião*)

Adeus; que novas trazes?

*Scena VI*

Euclião e Megadôro

EUCLIÃO

Encantado fiquei de ouvir tão bellas phrases.



MEGADÔRO

Escutaste o que eu disse?

EUCLIÃO

Oh! sim; nada perdi  
Do excellente discurso; estive sempre alli.

MEGADÔRO

Não seria melhor que fosses apurar-te  
Para a bôda, no traje?

EUCLIÃO

Eu, cá de minha parte,  
Entendo que não deve apparentar ninguém,  
Por mera ostentação, riqueza, que não tem.  
Figure cada qual conforme o que possue;  
Os ricos, esses sim — si em copia lhes afflue  
Dinheiro, cabedal, que tenham tratamento,  
Honrando seus avós e illustre nascimento.  
Rico, porém, não sou, e sabe todo o mundo  
Que de meu triste bolso ha só cotão no fundo.

MEGADÔRO

Amigo, praza ao céu que não mudes de estado  
E o quanto agora tens te seja conservado.

EUCLIÃO (*à parte*)

Não me tôa esse dito: « O quanto agora tens! »  
Jurara que me deu balanço aos poucos bens  
E sabe, como eu sei, de meu peculio, ao certo.  
Ah! Megera infernal, que tudo ha descoberto!



MEGADÔRO

Porque voltas o rosto e a sós assim murmuras?

EUCLIÃO

Porque estou contra ti a formular censuras.

MEGADÔRO

Quaes são ?

EUCLIÃO

Não sabes? Não? Chusma de ratoneiros,  
Que introduziste aqui, — quinhentos cosinheiros  
Esquadrinham-me o lar, quaes novos Gyriãos,  
Armado cada qual de tres pares de mãos.  
Que temivel relé! Té Argos, o vigia,  
Todo olhos, que Jove antigamente havia  
Posto á Io de guarda — a sua vigilancia  
Com elles baldaria. E para consonancia,  
Veiu mais invadir-me a casa uma flautista,  
A quem se póde dar patente de chupista ;  
Que póde, por si só, a fonte de Pirene  
Em Corintho esgotar, si em vez d'agua perenne,  
Vinho puro manasse. E quanto a mantimento...

MEGADÔRO

Ha com que sustentar inteiro um regimento.  
Antes de tudo mais... mandei um bom carneiro.

EUCLIÃO

Curioso animal! Carcassa de açougueiro.



MEGADÔRO

Curioso porque? Que tem de singular?

EUCLIÃO

Ossos e pelle só, de tanto jejuar;  
Entranhas mostra ao sol do corpo na caverna,  
Pois transparencia tem de punica lanterna.

MEGADÔRO

Mas isso nada val; para o matar comprei-o.

EUCLIÃO

Paga-lhe a cova, pois, porque já morto o creio.

MEGADÔRO

Vamos juntos beber.

EUCLIÃO

Não bebo.

MEGADÔRO

Has de beber.  
De bom vinho um barril mandei aqui trazer.

EUCLIÃO

Não posso comprazer-te; ha muito que assentei  
Agua pura beber.



MEGADÔRO

Pois eu te quebrarei  
Essa firme tenção, e de excellente vinho  
Hei de as guellas molhar-te, ó sogro e bom visinho.

EUCLIÃO (*à parte*)

Seu projecto conheço. Espera embriagar-me,  
Té pôr-me sem accôrdo, e após tudo roubar-me !  
Vou cautelas tomar e pôr a bom recado  
Fóra daqui meu ouro. Assim fica logrado  
O velho, perde o vinho e seu trabalho alfim. (*Para Megadôro*)  
Si para nada mais tens precisão de mim,  
Vou fazer ablução, pois cumpre me apresente  
Puro no sacrificio e num trajar decente. (*sai Megadôro. Euclião só*)  
Minha pobre marmita ! Esta perversa corja  
Conspira contra ti, e novos planos forja  
De arrancar-te daqui e todo o teu conteúdo.  
Como te hei de salvar ? Já sei. Antes de tudo,  
Vou tirar-te de casa e sem receio pôr-te  
Da Boa Fé no templo. E' proximo da Côrte.  
Eu e tu, Boa Fé, já somos conhecidos;  
Quererás ver por mim teus credits mantidos.  
O' Deusa ! Já que em ti depuz toda a esperança,  
Has de corresponder á minha confiança !

FIM DO TERCEIRO ACTO







## ACTO QUARTO

### *Scena I*

Stróbilo (*só*)

Procedo como escravo diligente;  
Do senhor cumpro as ordens promptamente,  
E sem preguiça. Escravo, que, remisso  
Não fôr, e bem fizer o seu serviço,  
Agrade a seu senhor. Seja zeloso  
Em relação ao dono e descuidoso  
Para comsigo. Até no proprio somno,  
Deve lembrar-se que pertence ao dono.  
Si serve, qual eu sirvo, um namorado,  
A quem vê loucamente apaixonado,  
E' seu dever do abysmo desviar-o  
E nunca dentro delle arremessar-o.  
Como á criança, que a nadar aprende,  
Um apparelho salvador se prende,  
Que á flor d'agua a mantém e o movimento  
Livre lhe deixa no humido elemento —  
Tal, si á profundo amor seu dono cede,  
Que na voragem róle o servo impede.  
Estudando o senhor, não perde ensejo  
De lhe cumprir o minimo desejo.  
Tenue vontade aventa-lhe no gesto,  
Para a satisfazer, tão prompto e lesto  
Como um carro na rapida carreira.  
Servo, que proceder desta maneira,  
Certo depara um dono, que lhe pague  
Serviços taes; dos golpes do azorrague  
Ha de escapar, e não verá polidos



A' força de os rojar — os aborridos  
Feros do abominavel captiveiro.  
Mas vamos ao motivo verdadeiro  
De minba vinda aqui. Meu dono adora  
A filha de Euclião, que em frente mora. . .  
Sabendo promettida essa donzella  
A Megadôro — aqui, de sentinella  
Mandou-me collocar do predio em face,  
Para que tudo visse e lhe contasse.  
Occulto n'esse altar, eu fico á espreita;  
Pois, si for visto, excitarei suspeita.

*Scena II*

Euclião e Stróbilo

EUCLIÃO (*sahindo do templo e sem ver Stróbilo*)

Boa Fé! Eu te conjuro!  
Não vás a ninguem dizer  
Que em teu templo, por seguro,  
Meu ouro vim esconder.  
Não é porque eu tenha medo  
Que seja desenterrado;  
Não se descobre o segredo;  
Está muito bem guardado.  
Si encontrassem, por surpresa,  
Cheia de ouro essa marmita,  
Por Jove! Que bella presa,  
E que ventura inaudita!  
Não; não has de permittil-o,  
Boa Fé! Nume propicio! . . .  
Mas vou ao banho do estylo,  
Que não tarda o sacrificio.  
Quando da noiva em procura  
O meu genro aqui mandar,  
Esteja prompta a futura



E não se faça esperar.  
De novo nas aras tuas  
Rogo-te exerças vigia  
Na marmitta — e a restituas,  
Incolume de avaria.  
Boa Fé! seguro creio  
Meu ouro a ti confiado!  
Sim! no templo teu guardei-o  
E no teu bosque sagrado. (*sahc*)

STRÓBILO

Castor e Pollux! Que ouvi!  
Marmitta de ouro repleta  
Foi elle esconder alli,  
Nalguma cova secreta!  
Boa Fé! Não o protejas  
E nem lhe attendas á prece;  
Si ser propicia desejas,  
Sómente a mim favorece!  
Este é o pai, si não me illudo,  
Da amante de meu senhor.  
Eu entro e revolvo tudo  
Do templo no interior.  
Em quanto por fóra está  
Esse velhote entretido,  
Eu vou procurando cá  
O seu dinheiro escondido.  
O' Boa Fé! Si eu consigo  
Descobrir o tal dinheiro,  
Te offerto e bebo contigo  
De bom vinho um cangio inteiro. (*entra no templo*)



*Scena III*

**Euclião** (*sahindo do templo*)

Não foi por acaso, não,  
Que o corvo á esquerda voou,  
E, os pés roçando no chão,  
Tão sinistro crocitou.  
Meu coração fez no peito  
Officio de dansarino.  
Corro a ver si com effeito  
Se cumpriu o meu destino.

*Scena IV*

**Euclião e Stróbilo**

**EUCLIÃO**

Salta d'aquí! Passa fóra,  
Reptil, que do chão brotaste,  
Que só te mostras agora  
E p'ra morrer te mostraste!  
Vou tratar-te qual mereces,  
O' feiticeiro infernal!

**STRÓBILO**

Velho, porque te enfureces,  
E porque me tratas mal?

**EUCLIÃO**

Este armazem de chicote  
Inda perguntas me faz!  
Os tratantes de teu lote  
Têm nome de *ladrasas*.



STRÓBILO

O que foi que te roubei?

EUCLIÃO

Dando-a, evitas o castigo.  
Então, não sabes?

STRÓBILO

Não sei.  
Nada teu tenho comigo.

EUCLIÃO

Dá-me o roubo. Isto é de mais!  
Dás, ou não?

STRÓBILO

Mas dar o que?

EUCLIÃO

Com elle d'aqui não sahes.

STRÓBILO

Mas que queres que te dê?

EUCLIÃO

Ora! Faze-te de novas!  
Põe já p'ra aqui!

STRÓBILO

Procedendo

Assim, ó velho, das provas  
De andar sempre recebendo.



EUCLIÃO

Nada, nada de gracejo;  
Eu não sirvo de debique.

STRÓBILO

Mas pôr o que? Meu desejo  
E' que tudo claro fique.  
Que queres te restitua?  
Dize: Que foi que roubei?  
Em cousa, que fosse tua,  
Juro que nunca toquei.

EUCLIÃO

Mostra-me as mãos.

STRÓBILO

Aqui estão.

EUCLIÃO

Ambas juntas.

STRÓBILO

Olha ; vê!

EUCLIÃO

Vejo. A terceira, ladrão!



STRÓBILO

(Si eu contar, ninguém crê!)  
Os phantasmas, as chimeras,  
As intemperies do ar,  
Têm conseguido deveras  
Teu cerebro transtornar.  
Muito me tens aggravado.

EUCLIÃO (*ironico*)

Oh! sim, muito; com effeito!  
Devêras ser agoitado  
Pelo mal, que me tens feito.  
Com certeza isso acontece,  
Si não confessas.

STRÓBILO

Findaste?  
O que queres que eu confesse?

EUCLIÃO

Dize o que surripiaste.

STRÓBILO

Puna-me a eterna justiça,  
Si cousa, que te pertença,  
Tirei.

EUCLIÃO

Nem mesmo a cobiça  
De tirar te acommetteu,  
Sem me pedires licença?  
Tu me tomas por sandeu?  
Sacode esse manto; vamos.

STRÓBILO

Ahi está.



EUCLIÃO

Nada tens occulto  
Sob a tunica? Vejamos.

STRÓBILO

Pois apalpa-me. (Que estulto!)

EUCLIÃO

Que labia de sem vergonha  
Para illudir a suspeita!  
Eu bem te conheço a ronha.  
Estende-me a mão direita.

STRÓBILO

Segunda vez? Eil-a aberta.

EUCLIÃO

A esquerda.

STRÓBILO

Eis ambas de par.

EUCLIÃO

A fraude está descoberta;  
E' já o roubo entregar.

STRÓBILO

Mas o que?

EUCLIÃO

Queres negal-o?  
Em ti o tens.

STRÓBILO

Eu? Comigo?

Mas que tenho?



EUCLIANO

A declara-o  
Não me obrigas; nada digo.  
Queres saber? Vai querendo.  
Seja, porém o que for  
E' meu, de certo, e pretendo  
Que m'o dês, salteador.

STRÓBILO

Deliras! Pois inda ha pouco  
Não me passaste revista,  
Sem nada achar? Estás louco;  
Ou és um grande trocista,

EUCLIANO

Fica; espera! Quem estava  
Comtigo aqui? Estou perdido!  
Lá dentro alguém combinava  
Com este infame bandido,  
Si eu o deixar, vai-se embora.  
Mas foi por mim apalpado,  
E nada lhe achei. Agora,  
Safa-te e sê fulminado!

STRÓBILO

Que bello agradecimento!

EUCLIANO

Entro no templo e declaro  
Que estrangulo n'um momento,  
Si lá por dentro o deparo,  
Teu cumplice. Agora parte;  
Some-te dos olhos meus;  
Não quero mais avistar-te  
Sais, ou não?



STRÓBILO

Pois saio; adeus.

EUCLIÃO

Nem te eu veja.

*Scena V*

Stróbilo (*só*)

STRÓBILO

Antes linar-me  
N'um catre, em cruel tormento,  
Do que deixar de vingar-me  
Deste maldito avarento!  
Elle de certo não ousa  
Aqui seu ouro guardar;  
Receando alguma cousa,  
Vai mudal-o de logar.  
Que bulha! O velho transporta  
Para outro sitio a maquiá.  
Ponho-me atraz desta porta,  
Que é meu posto de vigia.

*Scena VI*

Euclião e Stróbilo

EUCLIÃO

Julguei poder confiar-me  
A' Boa Fé; que illusão!  
Esteve quasi a arrastar-me  
A' completa perdição.  
Não viesse dar-me aviso  
O corvo, estava perdido!  
Tornar a vel-o é preciso,  
Pois lhe sou agradecido.



Todos os bens desta vida  
Lhe desejo com prazer;  
Mas, quanto a dar-lhe comida,  
Não, porque dar é perder.  
Para o meu ouro procuro  
Um sitio escuso e deserto,  
Onde fique bem seguro,  
De perigos a coberto.  
Ha, não longe da cidade,  
O bosque do Deus Sylvano;  
Nesse sitio é raridade  
Que passe algum ente humano.  
Si meu ouro aqui periga,  
Guardo-o naquelle retiro;  
A' Boa Fé, pouco amiga,  
O Deus Sylvano prefiro.

STRÓBILO

Estou salvo; eia, ligeiro;  
Precedamos o sovina.  
Onde irá pôr o dinheiro?  
A que escondrijo o destina?  
Meu senhor, certo, reprova  
Que eu me affaste da vigia.  
Ora, adeus! affronto a sóva,  
Pois a presa é de valia.

*Scena VII*

Lyconide, Eunomia e Phedra (*dentro de casa*)

LYCONIDE

Sabeis, querida mãe, por esta narração,  
Que fiz completo agravo á filha de Euclião.  
Que a meu tio faleis agora, instante, rogo,  
E vos torno a pedir que seja logo e logo.



EUNOMIA

Sabeis, ó filho meu, que o que quereis eu quero;  
Que meu irmão me attenda e vos perdõe e pero.  
E' justo o que pedis, si como relatastes,  
Dominado do vinho, a Phedra violastes.

LYCONIDE

Julgais-me, então, ó mãe, capaz de uma impostura!

PHEDRA (*dentro*)

Ai, ama! Eu vou morrer; que dores! que tortura;  
Vem em socorro meu, Juno Lucina, acode.

LYCONIDE

Ouvis, querida mãe? occulto já não póde  
Meu delicto ficar. Dizem-me aquelles ais  
Que serei brevemente o mais feliz dos pais.

EUNOMIA

Eu corro a meu irmão; vinde tambem comigo  
Pedir vosso perdão; veremos si o consigo.

LYCONIDE

Podeis ir, cara mãe; eu vou seguir-vos já.  
Mas isto é singular! Stróbilo onde está?  
Ordenei-lhe ficasse aqui fazendo guarda.  
Que rumo levaria? Aposto que não tarda.  
Anda lidando fóra. Inutil de affligir-me.  
Si do posto sahiu, foi só para servir-me.  
Entremos no comicio, a ver de que maneira  
Vão alli decidir de minha vida inteira.



*Scena VIII*

**Stróbilo** (*só*)

Todos os griphos-reis de aureas montanhas,  
Não têm de certo em proporções tamanhas  
Riquezas, como eu tenho. Os reis vulgares,  
Nem se fala; são pobres titulares!  
O rei Philippe sou. Ditoso dia!  
Eu, cauteloso, o avaro precedia;  
A um salgueiro subi; nelle trepado,  
Pude ver onde o ouro era enterrado.  
Parte o velho; escorrego do salgueiro,  
Vou ao sitio e, seguro e sorrateiro,  
Tiro a marmita, bato em retirada.  
E, como um tanto me afastei da estrada,  
O velho não me viu, e recolheu  
Para a casa. . . Mas foi engano meu. . .  
Eil-o ahí vem. Corramos, sem tardança,  
A pôr esta marmita em segurança.

*Scena IX*

**Euclião** (*só*)

Morto estou, degolado, assassinado!  
Onde irei? Onde não? Ai desgraçado!  
Pára, espera! Mas que? Mas quem? Não sei.  
Eu nada vejo; em trevas mergulhei.  
Onde vou? Onde estou? Quem sou? Não posso  
Dizel-o com certeza; o auxilio vosso  
Ora supplico a vós, que, collocados  
Nessas curúes, appareceis trajados  
De branco, a côr singela da innocencia,  
Qual si tivessesis recta consciencia.  
Mostrai quem a levou. Vem tu dizel-o,  
Tu, que pareces ter na fronte o sello



De homem de bem. Oh fala! Eu te acredito.  
Que vejo! Rides? Entre vós eu cito  
Mais de um ladrão. Qual foi, que m'a roubou?  
Ninguem foi. Ceus! O golpe me matou.  
Pobre Euclião. De tudo espoliado,  
Ficas no mundo á fome condemnado!  
Quem tão misero? Oh dia de amargura,  
De pranto e dôr! Ai pobre creatura!  
Que vale a vida a quem perdido tem  
O seu thesouro, o seu mais caro bem?  
Curtia provações para guardal-o;  
Privava-me do minimo regalo.  
Fórma agora o prazer dos roubadores,  
Que tripudiam sobre minhas dores.  
Toda a minha ventura está perdida!  
Não sobrevivo! Extincta é minha vida!

*Scena X*

**Lyconide e Euclião**

*LYCONIDE (sahindo de casa de Megadôro)*

Quem á porta se queixa em tom plangente?  
Parece-me Euclião. Ah! Certamente,  
Da filha descobriu a falta. Agora  
Que partido tomar? Irei embora?  
Convém ficar? Falar-lhe? Que embaraço!  
Como livrar-me do apertado passo!

**EUCLIÃO**

Quem falou?

**LYCONIDE**

Um sem ventura.



EUCLIÃO

Sem ventura? Quem tal disse?  
Não póde haver creatura,  
Que mais infeliz se visse.  
Morto estou sem mais appello.

LYCONIDE

Valor!

EUCLIÃO

Si a magua me opprime,  
De que modo posso tel-o?

LYCONIDE

Eis aqui o autor do crime.

EUCLIÃO

Que dizes?

LYCONIDE

Digo a verdade.

EUCLIÃO

Mancebo, que mal te fiz,  
Para com tal impiedade  
Me tornares infeliz?  
Causaste minha ruina  
E a da filha. Estou perdido!

LYCONIDE

Por influencia divina  
Fui para Phedra impellido.

EUCLIÃO

Como?



LYCONIDE

Fiz mal, eu confesso,  
E mereço punição;  
E' por isso que me apresso  
Em supplicar teu perdão.

EUCLIÃO

Que audacia! Bolir no alheio!

LYCONIDE

E' muito mau com effeito!  
Mas agora não ha meio  
De evitar o mal, já feito:  
E' por virtude de Jove  
Que isto tudo ha succedido.

EUCLIÃO

Talvez Jupiter approve  
Que eu te estrangule, bandido!

LYCONIDE

Não digas tal, por favor.

EUCLIÃO

Foste o ladrão violento  
De minha...

LYCONIDE

O vinho e o amor  
Como excusas apresento.

EUCLIÃO

E ousas tu, rei dos tratantes,  
Em teu favor invocar  
Quejandas attenuantes,  
Que ninguem póde aceitar?



Si desculpas taes vingassem  
Como razões de valia,  
Talvez as joias roubassem  
A's damas em pleno dia.  
Diria quem fosse preso:  
« Ebrio estava, ou namorado. »  
E pois merece desprezo  
Motivo tão reprovado;  
E si amor e embriaguez  
Desculpam cousas iguaes,  
Se tornam, por sua vez,  
Delictos dos principaes.

LYCONIDE

Peço perdão do peccado;  
Indulto não se recusa.

EUCLIÃO

Depois do mal praticado,  
Que monta pedir excusa ?  
Porém, si tua não era,  
Não lhe devias tocar.

LYCONIDE

Fiz mal; mas hoje a quizera  
Sempre comigo guardar.

EUCLIÃO

Até sem minha licença?

LYCONIDE

Não! Si eu t'a venho pedir!  
Que é de mister me pertença  
Has de tu mesmo convir.



EUCLIÃO

Vamos; entrega.

LYCONIDE

Entregar-te

O que?

EUCLIÃO

Teu roubo, e o farás  
Já; si não mando citar-te  
E ao Juiz responderás.

LYCONIDE

Roubar-te! Dize o que seja,  
E de que sitio? Responde.

EUCLIÃO

Que Jove te não proteja,  
Pois sabes que foi e d'onde.

LYCONIDE

Qual a cousa reclamada?

EUCLIÃO

A marmita que roubaste.  
A negativa é baldada,  
Pois que o roubo confessaste.

LYCONIDE

Nunca o disse e nem podia  
Affirmar tal falsidade.

EUCLIÃO

Negas?



LYCONIDE

Com toda a energia:  
Eu disse a pura verdade.  
Nada sei dessa embrulhada  
De marmitta e de dinheiro.

EUCLIÃO

Foi por ti mesmo roubada;  
Entrega-m'a, ratoneiro!  
Foste á matta de Sylvano  
Meu thesouro descobrir.  
Restitue; tenho o plano  
De contigo o dividir.  
Roubaste-me; não me queixo;  
Não te vexo, nem castigo,  
Entrega-m'a, que te deixo  
Livre de todo o perigo.

LYCONIDE

Eu, ladrão! Estás demente!  
Vim tratar de outra materia.  
Suppunha estares sciente;  
E' cousa importante e séria!  
Si estás calmo e não tens pressa,  
Si me podes escutar,  
Do assumpto, que m'interessa,  
Vou sem demora falar.

EUCLIÃO

Dize; á fé de homem de bem,  
Não a roubaste?

LYCONIDE

Oh, que não.

Juro e protesto.



EUCLIÃO

Mas quem  
Foi do meu ouro o ladrão?

LYCONIDE

Não sei.

EUCLIÃO

Virás por favor.  
Dizer-m'o, si o descobrires?

LYCONIDE

Prometto.

EUCLIÃO

E, seja quem fôr,  
Com elle não repartires?

LYCONIDE

Dou-te palavra.

EUCLIÃO

E asseguras  
Negares-lhe couto e abrigo?

LYCONIDE

Juro.

EUCLIÃO

E si faltas ás juras?

LYCONIDE

Que o ceu m'inflija castigo.

EUCLIÃO

E' bastante. Em ti confio.



LYCONIDE

Eu vou dizer-te quem sou :  
E' Megadôro meu tio,  
Antimaco me gerou.  
Minha mãe chama-se Eunomia,  
E eu Lyconide.

EUCLIÃO

Quem sejas  
Já sei. Tens familia idonea.  
Dize agora o que desejas.

LYCONIDE

Uma filha tens.

EUCLIÃO

Em casa,  
Mora comigo.

LYCONIDE

Espalharam  
Que com meu tio se casa.

EUCLIÃO

E' facto. Não te enganaram.

LYCONIDE

Do noivo por incumbencia,  
Desistir do enlace vim.

EUCLIÃO

Como! Fazer desistencia,  
Depois de prompto o festim?!



Que dinheirão hei gastado!  
E tudo perdido fica!  
Possa morrer fulminado  
Quem tanto me prejudica!

LYCONIDE

Consola-te. Ha certos males,  
Que só vem para proveito ;  
E' este um delles. Não fales  
A linguagem do despeito!  
P'ra que se volva a desdita  
Da menina em beneficio,  
Que tua boca repita:  
« Seja-me Jove propicio. »

EUCLIÃO

« Que o ceu me seja clemente  
« E que se digne amparar-me. »

LYCONIDE

Agora, tranquillamente,  
Peço queiras escutar-me.  
Homem não ha tão malvado,  
Que do mal não se arrependa,  
E que, havendo-o praticado,  
Reparal-o não pretenda.  
Si, louco por um momento,  
A' linda Phedra ultrajei,  
Perdoa-me, e em casamento  
Recebo-a perante a lei.  
Nas *Cereacs*, eu confesso,  
Fiz-lhe aggravo á castidade ;  
Levaram-me a tal excesso  
O vinho e o fogo da idade.



EUCLIÃO

Ai! que escuto! Oh crime abjecto!

LYCONIDE

Pois carpes quando te nasce  
Da filha querida um neto  
Na propria noite do enlace!  
Por causa dessa creança,  
Que ha pouco pai me tornou,  
De Phedra a nobre alliança  
Meu tio renunciou.  
Entra e verás.

EUCLIÃO (*à parte*)

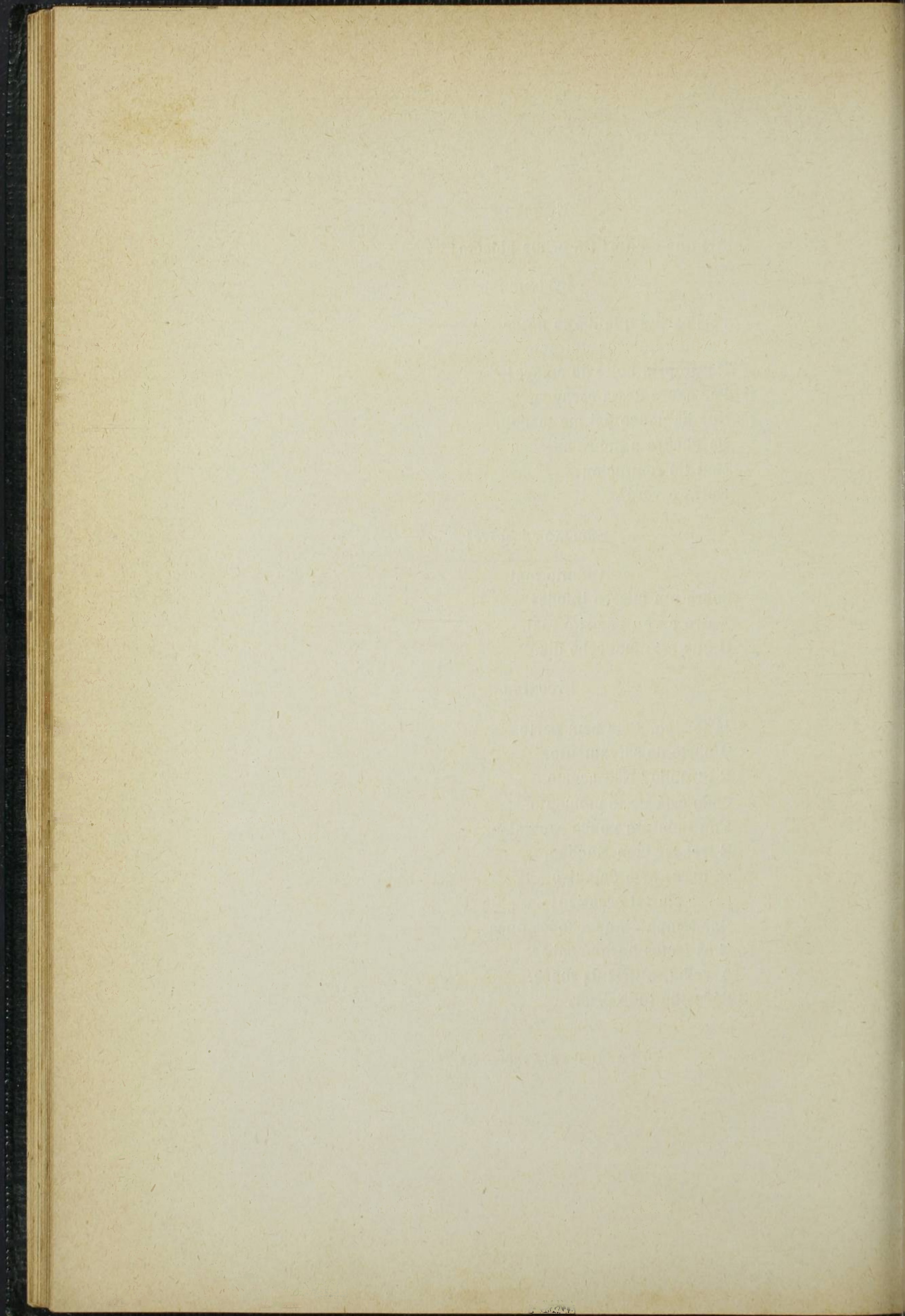
Quanto mal  
Sobre um misero infeliz!  
Entro e vou ver si é real  
O que este mancebo diz.

LYCONIDE

Já te sigo. Está bem perto  
O porto de salvamento,  
E Stróbilo? Não acérto  
Onde está neste momento.  
Vou inda um pouco esperal-o,  
E irei ter com Euclião.  
E' necessario deixal-o  
Livre em tal occasião;  
Dar tempo a que a todos ouça,  
E os factos busque saber.  
A velha, nutriz da moça,  
Póde-lhe tudo dizer.

FIM DO QUARTO ACTO







## ACTO QUINTO

### *Scena I*

**Stróbilo e Lyconide**

**STRÓBILO** (*com a marmita*)

O' Deuses, que me encheis de jubilo profundo  
Com estes cabedaes; não ha ninguem no mundo,  
Que tenhais, qual a mim, enchido de favores;  
Nem de Athenas conheço algum dos moradores,  
Tão rico, qual sou eu. Aqui nesta marmita  
Ha quatro libras de ouro; é somma bem bonita!  
Creio que ouvi falar. E' a voz de meu senhor.

**LYCONIDE**

E's Stróbilo; não?

**STRÓBILO**

Sou eu, teu servidor,  
Em carne e osso.

**LYCONIDE**

E' elle, e certo já falou  
A' serva de Euclião, que a Phedra amamentou.  
Fez o que lhe ordenei.

**STRÓBILO** (*à parte*)

A minha tomadia  
Vou já communicar-lhe e a carta de alforria  
Desta revelação pedir-lhe em recompensa,  
Para della gosar completa e sem detença.  
Achei. . .



LYCONIDE

Achaste? O que?

STRÓBILO

Não é desses achados  
De creanças, que as faz dizer em altos brados:  
« Achei! Achei! »

LYCONIDE

Estás a gracejar  
Segundo o teu costume.

STRÓBILO

Estou serio a falar.  
Ouve-me.

LYCONIDE

Fala.

STRÓBILO

Estou de posse de um thesouro.  
Certa marmitta achei com quatro libras de ouro.

LYCONIDE

O que estás a dizer? E' facto extraordinario!

STRÓBILO

Roubei-a d'Euclião, o sordido usurario.

LYCONIDE

Esse ouro onde está?



STRÓBILO

Num cofre. Em galardão  
Peço-vos, meu senhor, me dêis manumissão.

LYCONIDE

Eu dar liberdade a ti, ladrão da gema!

STRÓBILO

Ora vamos, senhor. Já sei vosso systema.  
Foi mera brincadeira; o intento vos sondava,  
E já na mente vossa o plano se forjava  
De roubar-me o thesouro! Agora, com franqueza,  
Dizei-me: Si eu tivesse achado essa riqueza,  
Que farieis!

LYCONIDE

E' baldo o teu vulgar manejo.  
Entrega-me o dinheiro. Escusa de gracejo.

STRÓBILO

Restituir-te?

LYCONIDE

Sim, repito; has de entregal-o,  
E ao dono o levarei.

STRÓBILO

Mas onde irei buscal-o?

LYCONIDE

Que num cofre o guardaste ouvi-te confessar.

STRÓBILO

Foi simples invenção. Eu gosto de brincar.



LYCONIDE

Sabes que vou fazer?

STRÓBILO

Podeis martyrisar-me;  
Nem palavra, porém, da boca heis de arrancar-me.

LYCONIDE

Por força has de falar, de pés e mãos ligado  
Ao poste, e cada perna escarranchada ao lado.  
Mas. . . tarda-me apertar as guellas do bandido,  
E arrancar-lhe a alma vil do corpo corrompido.  
Dás ou não dás? (*aperta-lhe o pescoço*).

STRÓBILO

Vou dar-te.

LYCONIDE

E sem demora

Neste instante; já, já.

STRÓBILO

Pois sim. Deixai-me agora  
Respirar, que suffoco. Ouff! Dizei, ó Senhor,  
Que quereis que vos dê?

LYCONIDE

Não sabes, ó traidor?  
Atreves-te a negar o roubo desse vaso.  
Com quatro libras de ouro? Ha sonho nisto, acaso?  
Surdo ou louco estarei? Oh lá, fustigadores!

STRÓBILO

Escutai-me, senhor.



LYCONIDE

De infames roubadores  
Eu nada quero ouvir. Fustigadores, eia,  
A elle!

*Scena II*

Lyconide, Stróbilo e os Fustigadores

FUSTIGADORES

Que quereis?

LYCONIDE

Apromptem a cadeia.

STRÓBILO

Escutai-me primeiro, e após dai livre curso  
Ao furor.

LYCONIDE

Fala então e nada de discurso.

STRÓBILO

Si mandais, meu senhor, que me inflijam torturas,  
Té que venha a morrer, ganhareis por ventura?  
Em primeiro logar, um servo perdereis,  
E depois, nada assim de mim conseguireis.  
Si me o utorgais, porém, a doce liberdade,  
Tereis tudo de mim; direi toda a verdade.  
Livres e todos nós formou o Creador;  
Instincto é natural da liberdade o amor;  
Entre os males do mundo avulta o captiveiro;  
Quer Jove a alguém punir? Escravisa-o primeiro.



LYCONIDE

Não raciocinas mal.

STRÓBILO

O resto ouvi. Mui raros  
São, no tempo que vão, senhores pouco avaros.  
Em quasi todos vejo Harpyas, Harpagões,  
Sómente obedecendo a torpes ambições.  
Entre seus cabedaes, são miseros adrêde,  
Tantalos, no Oceano, a perecer de sêde.  
Bastante lhes não é de Midas a opulencia,  
Ou de Créso e de Ophir toda a magnificencia;  
E nem do rico Persa o colossal thesouro  
Lhes poderia encher o grande sorvedouro  
Da infernal ambição. Levados da cobiça,  
Aos servos tratam mal, negando-lhes justiça.  
De seu lado, ao senhor não serve bem o escravo  
E um de outro queixa tem e nutrem mutuo aggravo.  
Fecham, a triple chave, os velhos usurarios  
A dispensa, o celleiro e todos os armarios.  
Os servos, que, em geral, são chapados ladrões,  
Dos ferrolhos zombando, illudem precauções  
Roubam com fina astucia, aquillo que os fornetas  
Para os filhos, a custo, arrancam das gavetas.  
Despojando, a valer, causam desfalque immenso.  
E nenhum dos ladrões, mesmo da cruz suspenso,  
O roubo confessou. Assim, rindo e brincando,  
Se desforça o infeliz do captiveiro infando.  
Por tanto, para ter bons servos, em geral,  
O senhor deve ser humano e liberal.

LYCONIDE

Tens razão; mas faltaste ao que me prometteste,  
Pois falaste de mais; o ajuste não foi este.  
Si eu te der alforria, entregas-me o que eu peço?



STRÓBILO

Sim. Testemunhas quero. O' meu senhor, confesso  
Que não confio em vós. Perdão do atrevimento!

LYCONIDE

Testemunhas? Pois sim. Póde até vir um cento.

STRÓBILO

Eunomia! Megadôro! acudi, eu vos rogo,  
Para um solemne factó. E' prompto; acaba logo.

*Scena III*

Stróbilo, Lyconide, Megadôro e Eunomia

MEGADÔRO

Lyconide, eis-me aqui. Que succedeu?

EUNOMIA

Stróbilo, chamaste? Aqui estou eu;  
Fala.

LYCONIDE

E' cousa mui simples e summaria.

MEGADÔRO

Qual é?

STRÓBILO

Vossa presença é necessaria  
Para testemunhar o que eu disser.  
Si a meu senhor Lyconide eu trazer  
De quatro libras de ouro abarrotada  
Certa marmita, me será doada  
A alforria?



LYCONIDE

Será; disse e sustento.

STRÓBILO

Ouvís?

MEGADÔRO E EUNOMIA

Ouvi.

STRÓBILO (*para Lyconide*)

Firmai com juramento

A solemne promessa.

LYCONIDE

Ah! quanto desço,  
Porque do alheio mal me compadeço! (*a Stróbilo*)  
Que petulancia a tua! (*á parte*) E sou forçado  
A ceder!

STRÓBILO

Está mais que averiguado  
Que a boa fé no seculo presente  
Fructa rara se torna; é bem frequente  
Escripturas lavrar, qual de ordinario,  
Com doze testemunhas o notario;  
Data e logar declara; e o vil embuste  
D'um mau lettrado diz que é nullo o ajuste.

LYCONIDE

Vamos, depressa.

STRÓBILO

Eu ergo aqui do sólo  
Esta pedra.



LYCONIDE (*jurando sobre a pedra*)

Si por malicia ou dolo,  
Eu te illudir, a ultrice divindade  
(Salvo o recinto e os muros da cidade)  
Me rejeite de si, qual eu rejeito  
Esta pedra. Ficaste satisfeito?

STRÓBILO

Sim! Já volto,

LYCONIDE

De Pegaso no passo  
Vôa e regressa a devorar o espaço.

*Scena IV*

Lyconide, Strobilo, Megadôro, Euclião e Eunomia

LYCONIDE

Escravo, que assim disserta  
E quer ao senhor vencer,  
Tedio sómente desperta;  
Ninguém o póde soffrer.  
Embora crucificado  
Seja Stróbilo, é meu fito  
Haver-lhe o ouro roubado;  
Sómente disso eu cogito.  
Quero pôr termo á amargura  
De meu bom sogro Euclião,  
Mudando em plena ventura  
Sua profunda afflicção.  
Vou pedir-lhe em casamento  
A filha, a quem offendi;  
Mas vejo. . . neste momento  
Vir Stróbilo d'alli.



Traz um volume; é de certo  
A decantada marmita.  
Diviso-o agora de perto;  
Não me engano; é mesmo a dita.

STRÓBILO

Lésto fui; voltei depressa;  
Eis a marmita. Asseguro  
Que contém, peça por peça,  
Quatro libras de ouro puro.

LYCONIDE

Que vejo, oh ceus! Que thesouro!  
Dois mil philippes! Vou já  
Chamar o dono deste ouro.  
Euclião! Acode, olá!

MEGADÔRO

Euclião! O' Euclião!

EUCLIÃO (*entrando em scena*)

Que queres? Que aconteceu!

LYCONIDE

Tens do ceu a protecção;  
A marmita appareceu.

EUCLIÃO

E' verdade, ou brincadeira!

LYCONIDE

Appareceu; acredita.  
Corre, vóa; eis toda inteira  
Tua querida marmita.



EUCLIÃO

Grande Jove justiceiro!  
Deuses, que os lares guardais!  
Juno e Alcides thesoureiro,  
Zelador dos cabedaes!  
Estendeis mão protectora  
Ao pobre velho infeliz,  
E o que roubado lhe fôra  
A' final, restituís!  
Vem, ó marmitta adorada,  
Doce beijo quero dar-te;  
Contra meu seio apertada,  
E' meu prazer conservar-te.  
Fartar não posso o desejo,  
Oh minha luz e alegria!  
Foi-se a magua e alfim eu vejo  
Luz propicia, que irradia!

LYCONIDE

Falta de meios é tida  
Como infortunio de vulto;  
Soffrem disso nesta vida  
A creança, o velho, o adulto.  
A cruel necessidade  
Ao vicio a creança instiga;  
O homem, na flor da idade,  
Rouba, e si é velho mendiga;  
Mas inda peor parece  
Possuir mais que o preciso.  
Vêde Euclião, que padece  
Por seu grande prejuizo!

EUCLIÃO

A quem devo, agradecido,  
Accções de graças render?  
Ao ceu, que, compadecido,  
Costuma aos bons proteger?



Dal-as-hei á boa gente,  
Que tanto ha feito por mim?  
Ou a ambos juntamente?  
A ambos. Pois seja assim.  
A meu Lyconide caro,  
Que á tanta dôr me forrou,  
Antes de tudo, declaro  
Que o meu thesouro lhe dou. (*para Lyconide*)  
Aceita-o, que empenho faço  
Seja teu, sem mais partilha,  
E tambem que em doce laço  
Te ligués á minha filha.  
De teu tio o digo em face  
E de Eunomia, sua irmã.  
Faça-se breve este enlace,  
Que não passe de amanhã.

LYCONIDE

Ah ! como exprimir-te, ao vivo.  
A gratidão, que me abraza?

EUCLIAO

Aceitando o donativo  
E abrigo dando-me em casa.

LYCONIDE

Pois seja ; está entendido,  
Comigo ficas morando.

STRÓBILO

Eu então? Sou esquecido?  
A minha alforria? Quando?

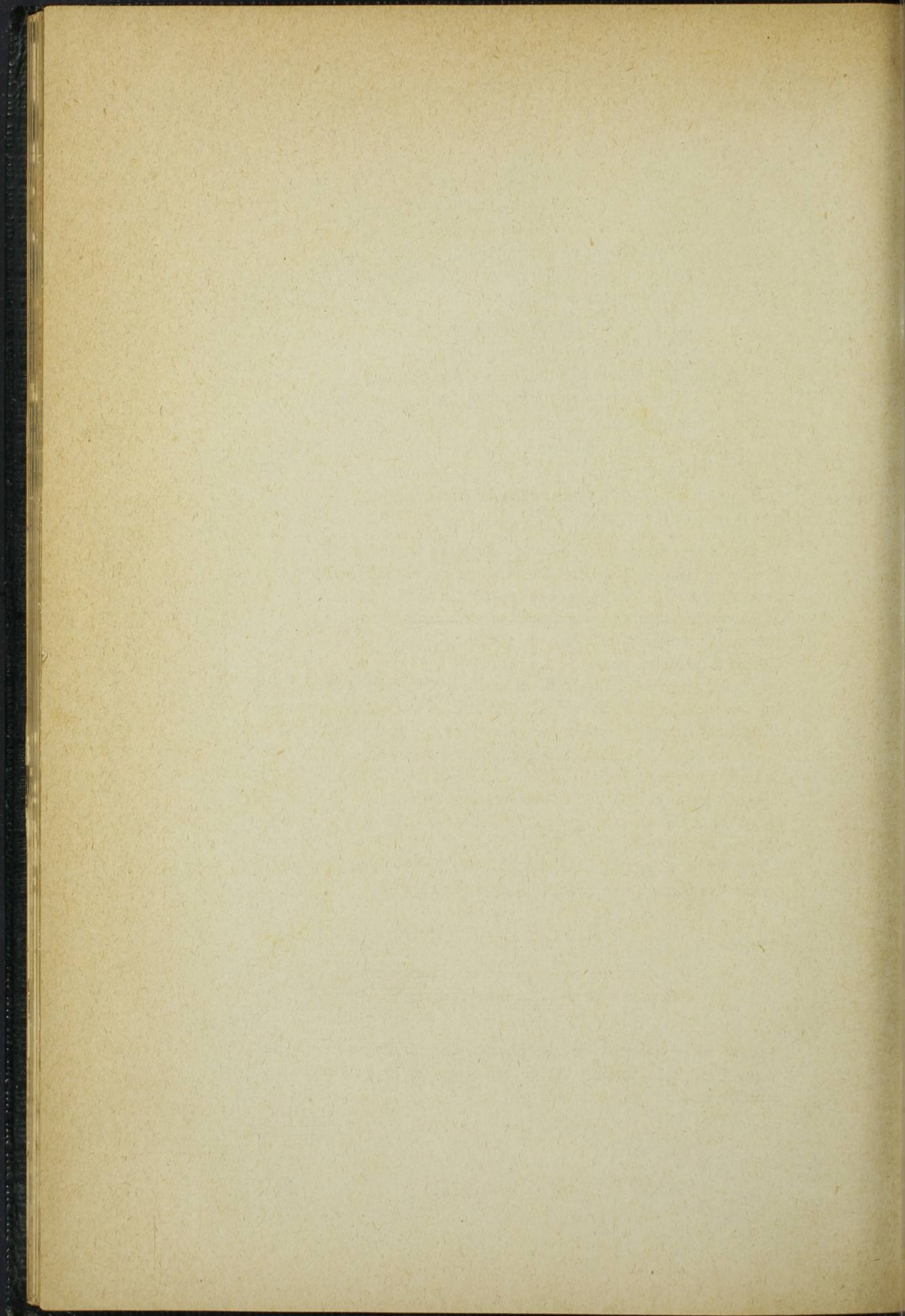


LYCONIDE

Tens razão; sê livre embora,  
Porque bem o mereceste;  
Vai concluir sem demora  
A ceia, que interrompeste.  
De Euclião a natureza (*para o publico*)  
De repente se mudou:  
Quem primava na avareza  
Generoso se tornou.  
Consenti, pois, que vos peça  
Sejais também generosos;  
Si gostastes desta peça,  
Eia! Applausos fervorosos!









# NOTAS

---

Página 15:

(<sup>1</sup>) Armazem de bofetões.

*Stimulorum seges.* diz o original. Seara de agulhões. É' como si Euclião dissesse á Stáphila: « Tinha que ver o eu dar satisfações de meu proceder a uma velha, que merecia ter a cara cosida de lanhos e costuras, produzidas por agulha, ou estylete, em espessura tão grande, como a de uma seara, prestes a ser ceifada. »

Como traduzir em portuguez essa idéa ?

Quando, em palestra litteraria, se discutiu esta parte do texto latino, um dos cavalheiros, que assistia á leitura da versão, lembrou como equivalente das mencionadas palavras a popular qualificação — cara de escumadeira — que se applica aos que trazem o rosto pontilhado de numerosas cicatrizes de variola. Não me pareceu que assim ficasse interpretado o pensamento de Plauto. Este não fala de signaes de agulhão, e sim da cara, que merecia se lhe imprimissem sulcos com estylete, ou agulha.

Esta é a intelligencia, dada ao trecho por Gueudeville, em sua traducção das Comedias de Plauto, edição de Leide, 1719.

Página 40:

(<sup>2</sup>) Cosinheiro de feira ! Um dia em nove dias,  
Faz para a gente baixa insossas iguarias.

*Cocus ille nundinalis est ; in nonum diem solet ire coctum,* diz o texto. Traducção litteral: *É' um cosinheiro de feira, acostumado a cosinhar no dia nono.*



Naquelle tempo os camponezes, depois de se occuparem aturadamente, por oito dias, de seus labores ruraes, iam ao nono, ás cidades visinhas informar-se do que havia de novo a respeito de Leis, Negocios e Tribunaes, aproveitando a occasião para venderem seus generos e abastecerem-se, na feira, do que precisavam.

Assim, *cosinheiro de feira* é aquelle, que não servia senão para camponezes ou para o povileu, e cujas iguarias eram indignas do paladar de gente fina, ou de tratamento.

Tambem eram chamados *cosinheiros de feira*, ou *de mercado* os preparadores de banquetes funebres, que se realisavam nove dias depois do fallecimento daquelles, em cuja honra eram dados.

Sómente no novenario é que os Romanos celebravam « as Exequias », que consistiam em jogos, festins e numa cerimonia, denominada — *Inscrição*. O *cosinheiro de feira* era, portanto, *cosinheiro do nono dia*, *cosinheiro mortuario*, mais proprio do inferno, que do mundo e só apto para regalar os mortos, isto é, os que são privados de appetite e não para dar prazer ao paladar dos vivos.

Pagina 49:

(<sup>3</sup>) Faz de mim seu gymnasio este velho infernal.

*Gymnasio*, era a arena dos exercicios physicos, das lutas dos athletas.

O servo, moido de pancadas, imagina que seu corpo é o chão do amphitheatro, todos os dias medido pelos lutadores, que tombam em terra, batendo-a e amassando-a. Dentre as traducções, que consultei, só Panckouk traduz — *gymnasio* — reproduzindo a palavra do modo, porque o fiz ; os outros dizem — *moeu-me de pancadas*, *acabrunhou-me de arrojadas*, etc.



# ERRATA

---

Pagina 20:

Hão de dizer que enterrada — Leia-se — enterrado —

Pagina 24:

Mas quero te poupar todo o cuidado  
Por mim.

Leia-se:

Mas eu desejo de apprehensões livrar-te,  
Pois velas incessante, e em toda a parte,  
Por mim.

Pagina 33:

Eis como a gente pratica:  
Si ao pobre o rico procura  
E amizade lhe offerece,  
Timorato o pobre fica  
E suspeito parece.

Houve engano neste trecho. Sobejá ahí um verso, sem corresponder a outro, que com elle deve rimar, perturbando-se assim a constructura artistica da versificação.

A passagem deve ser lida do seguinte modo:

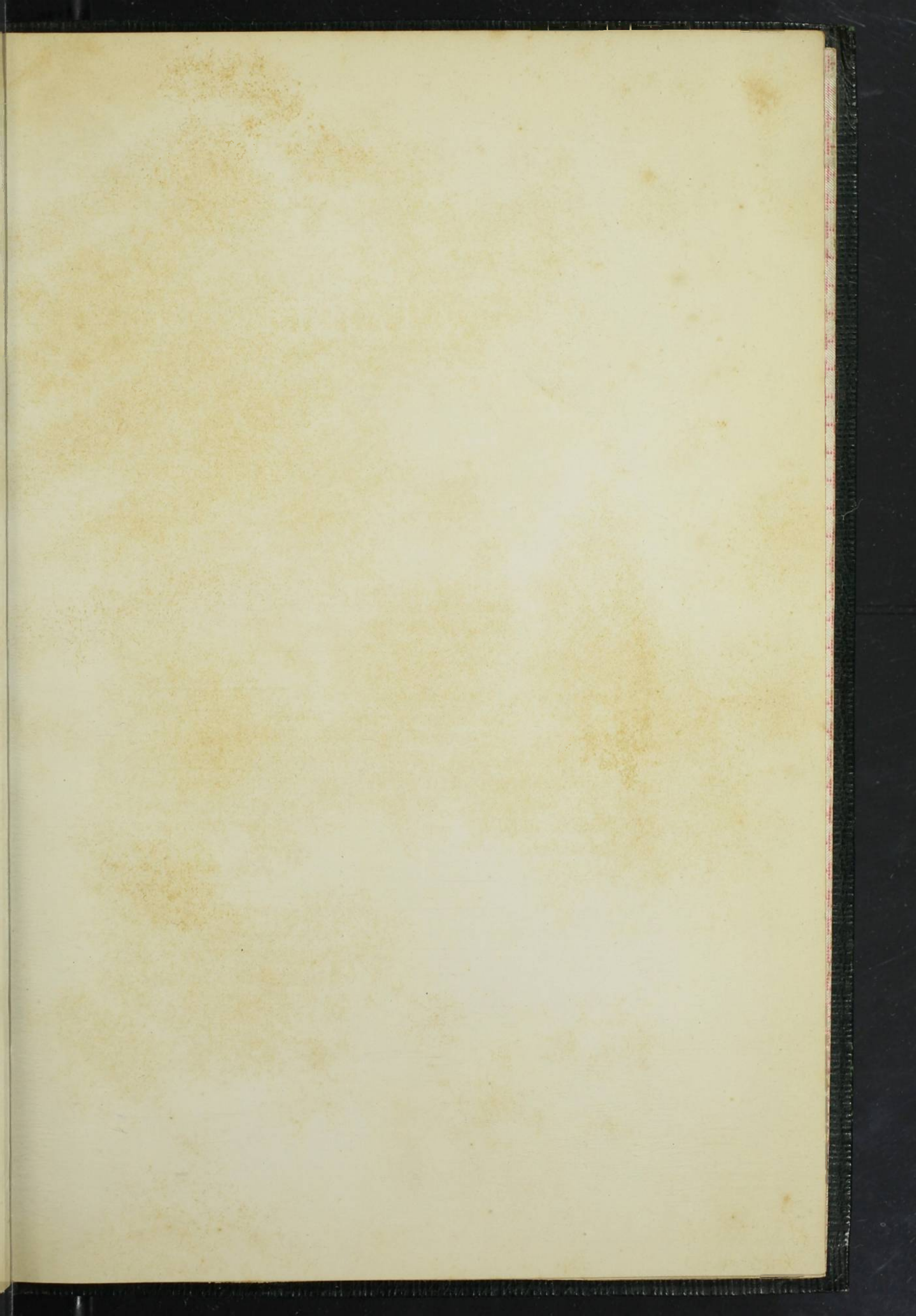
Eis como a gente pratica:  
Si o rico a mão lhe offerece,  
Timorato o pobre fica  
E suspeito parece.

---





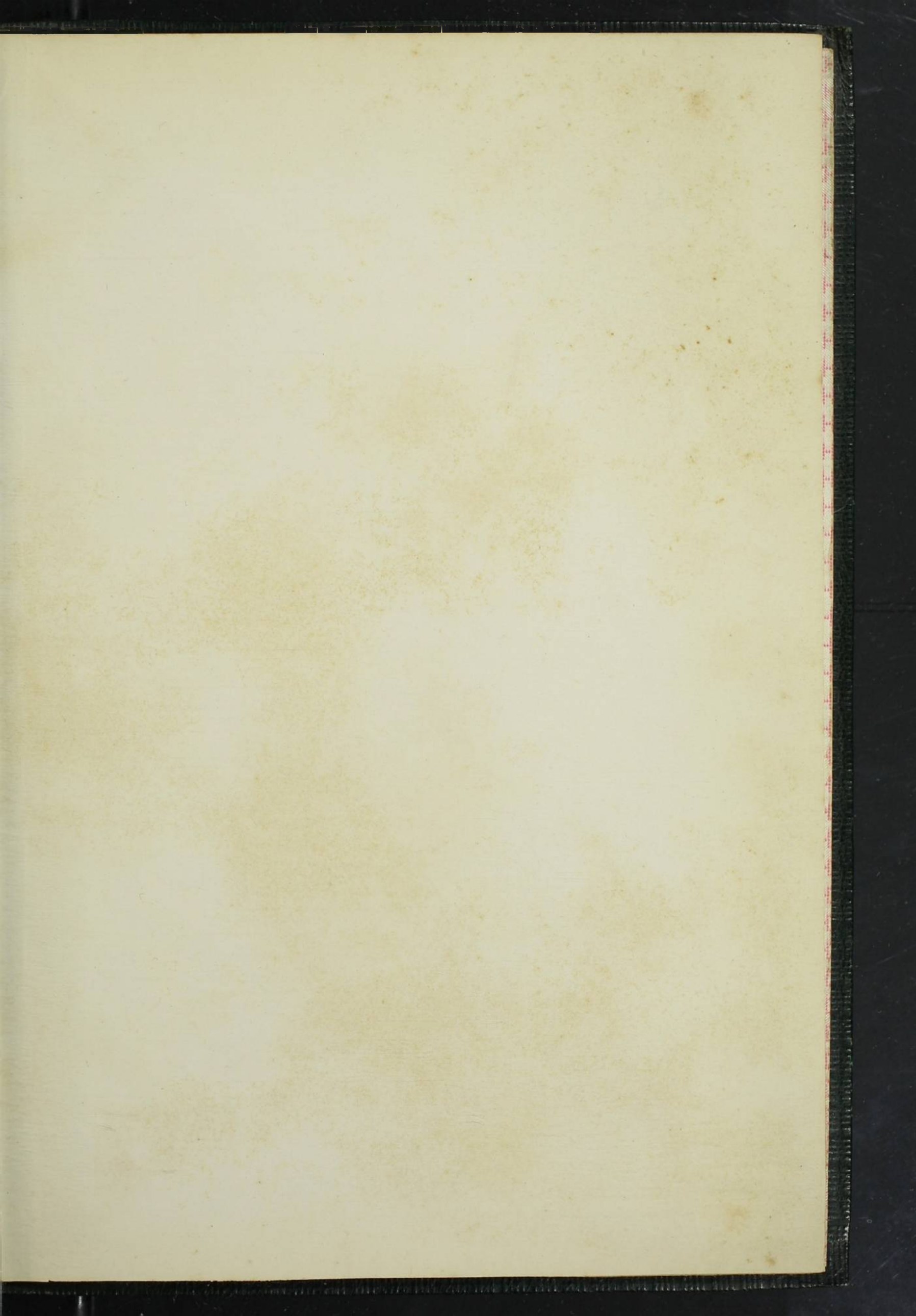






17012







17012







